



CÂNDIDO

#88 | NOVEMBRO DE 2018 www.candido.bpp.pr.gov.br JORNAL DA BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARANÁ

LITERATURA POP BRASILEIRA



Autores surgidos
nos anos 2000
trouxeram novas
referências à
literatura brasileira,
aproximando a
ficção de outras
manifestações da
cultura de massa

FICÇÃO | Vilma Arêas • UM ESCRITOR NA BIBLIOTECA | Laurentino Gomes • PENSATA | Antonio Carlos Secchin

EDITORIAL

O termo “literatura pop” é nebuloso até mesmo para escritores que se encaixam nesse pretenso subgênero literário. Mas se a terminologia é ainda difusa, as narrativas que assimilaram referências da cultura pop são bem presentes na literatura brasileira. Principalmente em livros de autores que estrearam a partir dos anos 2000.

É isso que o escritor Santia-
go Nazarian — ele mesmo um “autor pop” — mostra em reportagem que é destaque desta edição. Entre outras questões, Nazarian e seus pares discutem como o cinema, a TV, os quadrinhos e a internet foram incorporados à literatura brasileira contemporânea — e como isso diversificou — ou não — o panorama literário do país.

“Não sei qual a definição exata de ‘literatura pop’, mas me parece ser aquela que dialoga com seu tempo, dando voz a personagens ‘reais’, que vivem no mundo de hoje e, por isso, assistem a filmes de diretores contemporâneos, escutam álbuns recentes, se relacionam e se comunicam

da maneira como fazemos hoje, através de redes sociais e celulares”, diz Raphael Montes, um dos autores ouvidos por Nazarian.

A literatura brasileira também está na pauta da coluna Pensata. O poeta e crítico Antonio Carlos Secchin escreve sobre o uso do verso livre entre os poetas contemporâneos e do passado. Para ele, “ao romper as barreiras da métrica regular, o verso livre forneceu a (falsa) perspectiva de um facilitário irrestrito: bastava alguém não saber metrificar para dizer-se poeta.”

Outro destaque da edição é o bate-papo com o jornalista e escritor

Laurentino Gomes (foto), que participou em agosto do projeto Um Escritor na Biblioteca. Durante a conversa, Laurentino comenta sua trajetória na imprensa e, mais recentemente, como autor de livros-reportagem sobre a história do Brasil, tal como *1808*, que relata a chegada da corte portuguesa ao país. Além de falar sobre seus recentes *best-sellers*, o autor paranaense deu detalhes sobre sua nova empreitada: uma trilogia sobre a escravidão no Brasil.

Após 120 anos da morte de Lewis Carroll, *As aventuras de Alice no país das maravilhas* continua sendo um clássico absoluto. Em ampla re-

portagem, o jornalista e escritor Marcio Renato dos Santos ouviu tradutores e acadêmicos sobre a importância da obra do autor inglês. Já o repórter Daniel Tozzi resgata a história da curitibana Itiban Comic Shop, uma das principais lojas especializadas em Histórias em Quadrinhos do país, que pode encerrar as atividades em 2019, quando completa 30 anos.

Entre os textos inéditos, o **Cândido** publica contos de Carlos Machado, Vilma Arêas e Luís Roberto Amabile. Completa a edição poema de Thiago E. O desenho da capa é assinado pelo artista André Ducci.

Boa Leitura.



CARLA FORMANECK

CÂNDIDO

CÂNDIDO É UMA PUBLICAÇÃO MENSAL
DA BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARANÁ



Governadora do Estado do Paraná: **Cida Borghetti**
Secretário de Estado da Cultura: **João Luiz Fiani**
Diretor da Biblioteca Pública do Paraná: **Rogério Pereira**
Presidente da Associação dos Amigos da BPP: **Marta Sienna**

Coordenação Editorial: **Rogério Pereira e Luiz Rebinski.**
Redação: **Marcio Renato dos Santos e Omar Godoy.**
Estagiários: **Daniel Tozzi e João Lucas Dusi.**
Projeto gráfico e design: **Thapcom.com**

Colaboradores desta edição:
Antonio Carlos Secchin, André Ducci,
Carlos Machado, Kraw Penas, Luís
Roberto Amabile, Samuel Casal,
Santiago Nazarian, Sérgio Medeiros,
Simon Taylor, Vilma Arêas e Thiago E.

Redação:
imprensa@bpp.pr.gov.br
— (41) 3221-4974

Cândido pela internet:
💻 candido.bpp.pr.gov.br
📱 [/jornalcandido](https://www.facebook.com/jornalcandido)

A BPP divulga informações sobre serviços
e toda a programação da BPP.

💻 bpp.pr.gov.br
📱 [/bpppr](https://www.facebook.com/bpppr) [/bpppr](https://twitter.com/bpppr) [@/bpppr](https://www.instagram.com/bpppr)

BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARANÁ
Rua Cândido Lopes, 133 | CEP: 80020-901 | Curitiba – PR
Horário de funcionamento
Segunda a sexta: 8h30 às 20h.
Sábado: 8h30 às 13h.

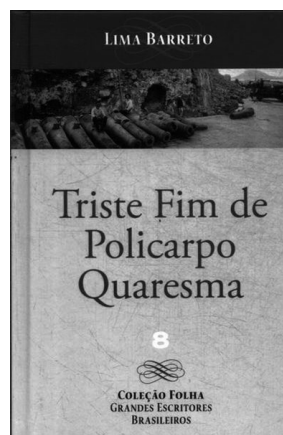
Todos os textos são de responsabilidade exclusiva do autor
e não expressam a opinião do jornal.

cândido indica

TRISTE FIM DE POLICARPO QUARESMA

Lima Barreto,
Coleção Folha, 2008

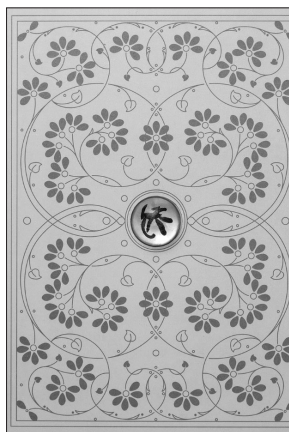
Nesta que é a obra mais expressiva do carioca Lima Barreto, o Rio de Janeiro da última década do século XX é recriado para abrigar personagens como, entre outros, o Major Quaresma, o compositor de modinhas Ricardo Coração dos Outros e Albernaz, um general reformado que sempre inventa desculpas por nunca ter participado de uma guerra. A narrativa expõe sobretudo os podres dos militares e é guiada pelas escolhas e ideais ingênuos do patriota Policarpo Quaresma, que, à medida em que se desilude com a bestialidade da sociedade, encontra seu triste fim após a Revolta da Armada.



NOVE MESES

Gustavo Piqueira, Lote 42, 2018

Em tiragem única de mil exemplares, *Nove meses* vem embalado de uma caixa adornada com um pequeno globo de resina acrílica que abriga um inseto morto — escolha essa que indica um dos caminhos desta experiência literária que pretende explorar a transitoriedade do ser humano. Além do livro, que entrelaça uma narrativa passada no século XIX e outra sobre um pai à espera do filho no presente, a caixa traz 20 cartões postais e um álbum de fotos em brochura de 16 páginas. O autor, Gustavo Piqueira, conhecido pela mistura de diferentes linguagens em seus trabalhos, mais uma vez entrega ao leitor uma obra híbrida de difícil classificação.



UIVO DOS INVISÍVEIS

Bebeti do Amaral Gurgel,
Chiado Books, 2018

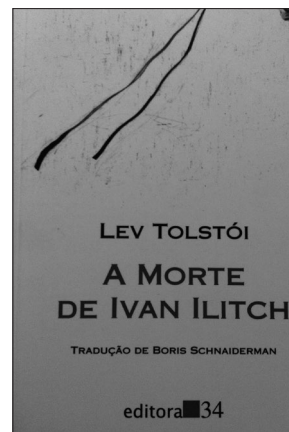
Resultado de quatro anos de pesquisas sobre o pixo, *Uivo dos invisíveis* se constrói num misto de ensaio e confissão, teoria e história, com o objetivo de trazer uma nova perspectiva — livre de preconceitos e prejulgamentos — sobre essa manifestação cultural. Ao restringir o uso de advérbios e adjetivos na prosa, a curitibana Bebeti do Amaral Gurgel elabora uma narrativa que busca o mesmo poder de síntese dessa linguagem periférica, numa releitura e desconstrução do que significa o pixo, explorando o que há além dos limites da estética acadêmica tradicional.



A MORTE DE IVAN ILITCH

Liev Tolstói, Editora 34, 2009
Tradução: Boris Schnaiderman

Após construir uma sólida carreira como promotor público e passar 17 anos casado, Ivan Ilitch começa a ser atormentado por um gosto estranho na boca e uma sensação ruim no lado esquerdo do estômago. O desconforto persiste, ele definha e médico nenhum consegue ajudá-lo. É somente assim, frente à morte e desesperado pelas dúvidas suscitadas pela sua condição, que Ivan se vê capaz de enxergar o grande teatro que foi sua vida, restando-lhe como alento a humilde companhia do camponês Guerássim. A partir de uma dialética impiedosa, o russo Liev Tolstói elabora uma novela seca e densa, expondo os podres da aristocracia ao narrar os momentos de agonia de um funcionário exemplar que cultivou uma vida de ilusões.



curta da BPP

REPRODUÇÃO



BATE-PAPO COM JOÃO SILVÉRIO TREVISAN

O convidado de novembro do projeto Um Escritor na Biblioteca é João Silvério Trevisan. O bate-papo, mediado por Flávio Stein, acontece no dia 13, às 19h30, no auditório da Biblioteca Pública do Paraná, com entrada gratuita. Paulista de Ribeirão Bonito, Trevisan nasceu em 1944. Formado em filosofia, estreou na literatura com os contos de *Testamento de Jônatas deixado a David* (1976). Autor de 12 livros, venceu o Prêmio Jabuti com o romance *O livro do avesso* (1992) e o APCA (Associação Paulista de Críticos de Artes) por *Rei do cheiro* (2009), entre outros prêmios. Além do trabalho literário e cinematográfico, que inclui a direção e roteiro do longa-metragem *Orgia ou O homem que deu cria* (1970), organizou o grupo “Somos” e editou, de 1978 a 1981, o jornal *O Lâmpião da Esquina* — ambos projetos voltados à discussão dos direitos dos homossexuais e outros grupos excluídos. Além da publicação do romance *Pai, pai* (2017), Trevisan teve reeditado recentemente *Devassos no paraíso* (2018), que traz um panorama sobre a história da homossexualidade no Brasil.

PENSATA

A coluna Pensata abre espaço para que autores reflitam sobre um tema sugerido pela equipe do Cândia. Nesta edição, o poeta e crítico Antonio Carlos Secchin discute sobre a viabilidade ou não de qualquer um escrever e publicar poesia e, ainda, se não há verso livre demais sendo praticado e publicado pelos poetas brasileiros contemporâneos.

EM TORNO DO VERSO

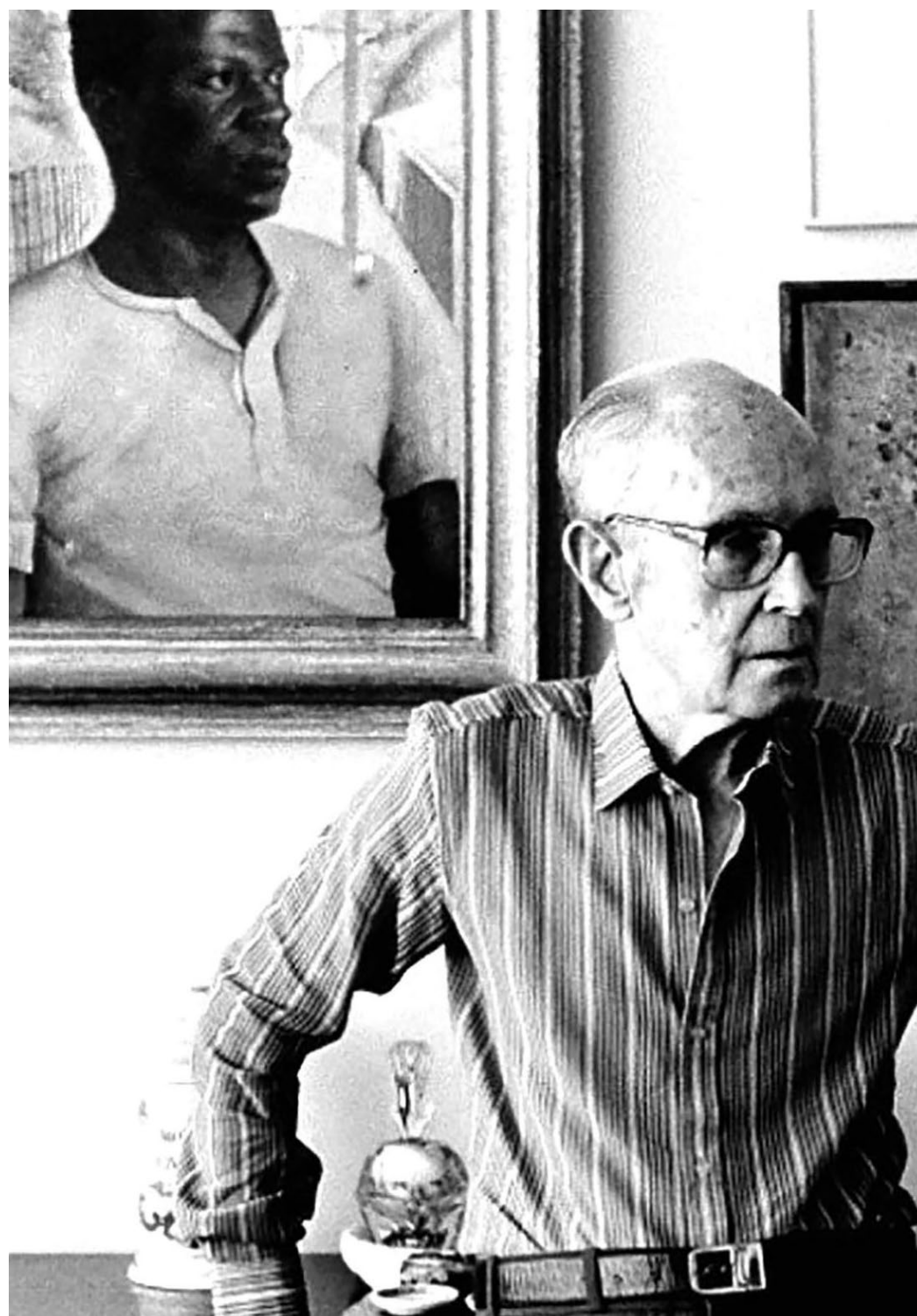
ANTONIO CARLOS SECCHIN

Em 1980, Carlos Drummond de Andrade publicou *A paixão medida*. Valho-me desse belo título para tecer algumas considerações sobre o verso. De certo modo, podemos considerar o poema como a prática de uma “paixão” que, simultaneamente, se insere em alguma “medida”, algum andamento rítmico que lhe dá força e expressão.

Um dos maiores equívocos que se perpetuam, inclusive em salas de aula universitárias, é o de que, em contraposição ao verso tradicional, o livre não tem métrica! Ora, a métrica é exatamente o que define o verso, em oposição à prosa, cujo limite é estabelecido pela mancha tipográfica do fim de uma linha, e não pelo recorte (rítmico) arbitrado pelo poeta. O que se pode dizer é que o verso livre não apresenta métrica regular, constante, mas nunca que prescinde de alguma “medida”, sem o quê não seria verso. Sem falar, ainda, em certos expe-

rimentos do final do século XIX/ início do XX, quando poetas, desejosos de ampliar os horizontes expressivos do poema, porém sem atingir o patamar do verso livre, valeram-se da forma intermediária dos “versos polimétricos”, que rompiam a rígida simetria dos predecessores ao mesclarem medidas diversas num mesmo texto, respeitando, porém, alguns parâmetros de regularidade na elaboração de seus desvios: por exemplo: submissão das métricas ao limite infranqueável de doze sílabas; manutenção de um modelo reiterativo de variação métrica ao longo do texto, cerceando a livre expansão do verso.

Outro equívoco, ainda mais rudimentar, consiste em definir verso livre a partir da inexistência da rima. Ora, verso livre é matéria estritamente rítmica, conforme assinalamos, sem nada a ver com a questão eufônica da rima. O verso sem rima é denominado “branco”, e é de prática



Carlos Drummond de Andrade (1902-1987) foi partidário do verso livre na década modernista, mas retornou à “paixão medida” cerca de 20 anos depois. Muitos críticos consideram que nessa prática se inscreve o que de melhor Drummond produziu, em *Claro enigma*, de 1951.

REPRODUÇÃO

Na literatura brasileira, a atribuição do pioneirismo no emprego do verso livre é assunto controverso. O simbolista Mário Pederneiras é o nome mais citado, embora antes dele os hoje também ignorados Guerra-Duval e Alberto Ramos (sob o pseudônimo de Marcos de Castro) tenham praticado a modalidade — que se consolidou, de fato, na década de 1920, após a Semana de Arte Moderna de 1922.

É inegável a fecunda contribuição, o sopro renovador do verso livre contra o engessado domínio do sub-Parnasianismo que entre nós grassava nos primeiros anos do século passado. A consideração, todavia, deve ser matizada, pois não é a utilização (ou a recusa) de um recurso em si que irá previamente assegurar a qualidade de um texto. Ao romper as barreiras da métrica regular, o verso livre forneceu a (falsa) perspectiva de um facilitário irrestrito: bastava alguém não saber metrificar para dizer-se poeta. Algo bem diverso da simples ignorância do verso tradicional foi sua superação por parte de quem o dominava com maestria — e a obra de Manuel Bandeira é cabal demonstração do fenômeno: partiu do exercício inicial com formas consolidadas para o extraordinário versilibrismo de *Libertinagem*, de 1930. Sem nos esquecermos de grandes poetas que trilham o caminho inverso: Jorge de Lima, Carlos Drummond de Andrade, Murilo Mendes, partidários do verso livre na década modernista, retornaram à “paixão medida” cerca de 20 anos depois. Muitos críticos, inclusive, consideram que nessa prática se inscreve o que de melhor Drummond produziu, em *Claro enigma*, de 1951.

Deve-se evitar o erro de considerar o verso livre necessariamente superior ao metricamente regular, legislando-se ditatorialmente em nome da liberdade. Onde o poe-

ta colhe seus melhores resultados, aí reside o efetivo espaço de sua manifestação criadora. O cerceamento por barreira voluntária às vezes é combustível que faz girar a máquina poética. Em prol da hegemonia do verso livre, recalca-se, por exemplo, o fato de que quase toda a obra de um dos maiores poetas brasileiros do século XX, João Cabral de Melo Neto, é pautada pela observância de métrica e rima regulares. Se, de um lado, a rima restringe o universo vocabular, de outro, exatamente por isso, pode conduzir a imagens inesperadas, que, sem ela, provavelmente jamais ocorreriam ao poeta.

Um renomado e talentoso escritor contemporâneo, tentando menosprezar certa visão do poema, declarou que não lhe interessava a poesia como “caixinha de sonoridades”. Retomemos a imagem. Sim, em geral pela curta extensão, o poema é uma “caixinha”, mas que pode conter todas as sonoridades, não apenas as que os caciques designam como “poeticamente corretas”. Sim, que nela caibam todos os ritmos, os regulares, os não regulares, as rimas, as não rimas, as dissonâncias, as eufonias. Caixinha que condensa a linguagem em seu estado de máxima potência: para essa vocação talvez sirva a poesia, que não se deixa capturar em nenhuma fórmula de modelo ou de antimodelo. ■

ANTONIO CARLOS SECCHIN nasceu no Rio de Janeiro, em 1952. Doutor em letras e professor emérito da Universidade Federal do Rio de Janeiro, desde 2004 ocupa a cadeira 19 da Academia Brasileira de Letras. Poeta e ensaísta, Secchin publicou, entre outras obras, *João Cabral: a poesia do menos* (1985) e *Todos os ventos* (poemas reunidos, 2002, ganhador dos Prêmios da ABL, da Biblioteca Nacional e do Pen Clube). Com a obra *Desdizer*, lançada ano passado, o autor voltou à poesia 15 anos após a publicação de *Todos os ventos*.

antiquíssima. Vide, em nossas letras, *O Uruguai* (1769), de Basílio da Gama, em decassílabos brancos. Como, porém, a dupla “métrica/rima” costumava vir unida, tomou-se uma coisa pela outra, na errônea concepção de verso livre pelo viés da rima.

 UM ESCRITOR na BIBLIOTECA

LAURENTINO GOMES

Laurentino Gomes está popularizando a História do Brasil. O jornalista foi o convidado da edição de agosto do projeto Um Escritor na Biblioteca e contou, entre outros assuntos, como ocorreu sua “conversão” para o mundo dos livros, como autor.

DA REDAÇÃO



Formado pela Universidade Federal do Paraná em jornalismo, passou pelas redações dos jornais *Correio de Notícias*, *Estado do Paraná*, *Estado de S. Paulo*, revista *Veja*, entre outros veículos, em três décadas de atuação na imprensa brasileira.

Ainda na revista *Veja*, Laurentino preparou um especial sobre a chegada da corte de D. João VI no Brasil. O projeto foi cancelado, mas ele ampliou a proposta e lançou, em 2007, o livro *1808*. O público brasileiro reagiu positivamente à proposta e Laurentino teve de pedir demissão da *Veja*.

O sucesso de *1808*, obra sobre a fuga da corte de D. João VI para o Rio de Janeiro, foi imensa e teve continuidade em *1822*, livro sobre a independência do Brasil, e posteriormente no terceiro volume da série, *1889*, obra sobre a proclamação da República. A trilogia rendeu seis prêmios Jabuti, o mais importante da indústria editorial brasileira, ao autor e vendeu, ao todo, cerca de 2,5 milhões de exemplares.

Atualmente ele prepara um livro de uma nova trilogia, desta vez sobre a escravidão no Brasil. Coincidência ou não, Laurentino saiu das redações praticamente no mesmo período que tiveram início transformações irreversíveis na imprensa, com redução do espaço de impressos e ampliação de conteúdos em plataformas digitais. E, mesmo fora das redações, ele segue fazendo jornalismo, afinal, cada livro da trilogia é uma grande, uma ampla reportagem.

A boa aceitação de seus livros, inclusive, é creditada à pesquisa, que inclui leitura de documentos, viagens, entrevistas, reflexões, mas, principalmente, a linguagem. Linguagem perfeitamente compreensível, a linguagem jornalística. *1808*, por exemplo, foi eleito o melhor ensaio de 2008 pela Academia Brasileira de Letras. Pós-graduado em

administração pela Universidade de São Paulo, com dois prêmios Esso de jornalismo, Laurentino ocupa a cadeira 18 da Academia Paranaense de Letras e, principalmente, é consagrado por milhões de leitores e leitoras do Brasil, que por meio de seus livros estão revisitando e até mesmo descobrindo a história.

MARINGÁ

Em 1976, vim de Maringá para fazer a faculdade de jornalismo em Curitiba. Não conhecia virtualmente ninguém aqui. Então, o que eu fiz? Virei um rato desta biblioteca. Passava manhãs inteiras lendo. Li coisas maravilhosas aqui. Então, para mim, é muito emocionante entrar na Biblioteca Pública do Paraná, me remete à época em que tudo começou, em que a vida era um mar de possibilidades, muita insegurança em relação ao futuro, ao que iria fazer, começando minha carreira jornalística — aliás, nem começando. Ainda estava estudando. Mas tenho um especial carinho por esta biblioteca. E desde então passei por bibliotecas que marcaram muito a minha vida.

BIBLIOTECA PARTICULAR

Hoje devo ter uns 3 mil títulos em casa. Mas essa biblioteca já ocupou mais espaço do que deveria. Aliás, os livros tomaram lá uma sala enorme, tive que fazer várias prateleiras novas. É uma biblioteca muito especializada, com muita coisa de história do Brasil. Até porque é o tema com o qual venho trabalhando nos últimos 11 anos. Quando não estou trabalhando nos meus livros, gosto de ler ficção. Trabalho com não ficção mas quando não estou trabalhando gosto de ler ficção, ou poesia. Então, tem muito livro de poesia, muito romance, muita literatura brasileira. Porque é aí que eu me renovo, que aprendo a

escrever. É lendo ficção. A não ficção leio por obrigação, por trabalho. Caso contrário, não.

REPORTAGEM

Sempre gostei da editoria de geral. Embora tenha trabalhado com política, economia, sempre gostei daquele “miolão” do jornal ou da revista, onde tem de tudo um pouco, onde tem medicina, saúde, turismo, educação, ciência, astronomia. Aprendi muito. Eu diria que uma boa parte do que faço hoje, que transfiro para os meus livros, um olhar bastante amplo sobre a história do Brasil, que não fica só na literatura acadêmica, tem a ver com o aprendizado que tive no trabalho de reportagem da área de geral. Acumulei uma quantidade muito grande de conhecimento geral na minha vida. Sei um pouquinho de astronomia, de ciência, de medicina, de educação e assim por diante. Acho isso fascinante. Quando você se empenha nessa profissão, ela te transforma profundamente como ser humano. Você adquire uma amplitude de visão de mundo, de conhecimento de mundo e do ser humano, que é nossa matéria-prima.

CONSELHO

Eu tive uma colega aqui em Curitiba, Teresa Urban, já falecida, que era uma pessoa de uma vida muito sofrida. Tinha sido exilado política, torturada durante o regime militar. Trabalhei com ela na redação do *Estadão*. Eu era muito jovem e uma vez ela me falou uma coisa que eu trouxe para a vida toda: “Laurentino, o dia que você perder a capacidade de se emocionar com o ser humano que está na sua frente, que você está entrevistando, muda de profissão, porque essa é a essência do jornalismo”. A nossa matéria-prima são as pessoas. Cada ser humano, cada um desses sete bilhões e meio de seres humanos têm uma história única, extraordinária, maravilhosa, surpreendente. O papel do jornalismo é justamente trazer à tona essa história que às vezes está escondida.

PRIMEIRO PROJETO

Eu trabalhava na *Veja*, que ia fazer uma série de especiais de história do Brasil. Fiquei encarregado de apurar um deles, que era a vinda da corte de D. João para o Rio de Janeiro e o projeto foi cancelado. Fiquei chateado num primeiro momento, mas percebi que havia uma oportunidade de transformar aquele projeto num empreendimento pessoal. Foi o que fiz. No jornalismo, temos um outro jargão que é o chamado gancho: a oportunidade de se dedicar a um determinado assunto porque naquele momento o leitor estará mais preparado para ➡

UM ESCRITOR na BIBLIOTECA

ler, se interessar em relação a esse assunto do que em outro momento. E havia uma efeméride no horizonte, que eram os 200 anos da chegada da corte de D. João ao Rio de Janeiro. E aí decidi publicar um livro. Agora, olhei muito para o que estava acontecendo fora do Brasil. Esse trabalho que faço é o que lá fora se chama, genericamente, de divulgação científica. Ou seja, você tem uma linguagem, um conhecimento acadêmico, que é muito profundo, muito segmentado, muito especializado e está cada vez mais especializado. Trata-se de uma linguagem *intracorporis*, vamos dizer assim, que você filtra e decifra para um público mais leigo e mais amplo que não domina essa linguagem. Nós temos a obrigação de sermos didáticos, simples, na linguagem. E é o que tenho feito na história do Brasil. E a acolhida do público tem sido realmente uma surpresa para mim. Nunca imaginei que livro de história do Brasil pudesse ter essa acolhida. Acho que nós temos realmente um desafio grande de linguagem no Brasil. O Brasil é um país que vem se transformando muito rapidamente, tem novos leitores, novos estudantes. A gente precisa usar uma linguagem mais acessível, mais generosa com esses novos entrantes no mercado editorial brasileiro. Acho que é muito importante enfrentarmos adequadamente esse desafio de linguagem.

SUCESSO

Acho que o brasileiro tem uma certa aversão ao sucesso. Percebo, por exemplo, uma reação muito grande ao meu trabalho — não pelo conteúdo dos meus livros, mas pelo fato de ser um best-seller. É como se o best-sel-

ler fosse algo menor. E que a literatura boa mesmo é aquela de nicho, com poucos leitores. Aliás, já ouvi isso em feiras literárias, escritores falando: “Escrevo para poucos”. Como se isso fosse um grande negócio. Eu pergunto: “Mas por que você não consegue fazer uma obra e ter uma linguagem que atraia um número de leitores?” Até porque nós já tivemos escritores no Brasil que fizeram isso muito bem. Jorge Amado, Fernando Sabino, Erico Verissimo. Existe uma galeria enorme de bons escritores no Brasil que fizeram boa literatura e conseguiram ter sucesso de venda. Sucesso popular. São inúmeros exemplos. Mas hoje percebo que as pessoas reagem um pouco a isso. Mas com uma certa razão também. Tem muita literatura ruim nas listas de best-sellers. Não vou dizer também que isso é um erro de avaliação, mas acaba afetando um pouco meu trabalho. No começo eu ficava um pouco incomodado, como se o meu trabalho fosse um trabalho menor pelo fato de ter tido um sucesso de vendas.

MUDANÇA DE ROTA

Estou escrevendo agora o primeiro livro da trilogia sobre a história da escravidão e tem capítulo que já mudou de posição sete ou oito vezes. Tinha capítulo que estava no cinco, foi para o 18, depois para o 27, voltou para o 12. Os capítulos passeiam pelo livro e não respeitam o planejamento inicial. Não adianta você planejar o livro, “vou fazer essa sequência assim”, porque no meio baixa um santo que fala “esse capítulo não é aqui, é lá”.

1908

Foi isso o que aconteceu com



1808. Quando comecei a fazer o livro, o propósito era escrever uma biografia do Luiz Joaquim dos Santos Marrocos, que é um bibliotecário. Ele trabalhava na Real Biblioteca, em Lisboa, onde hoje é o Palácio Nacional da Ajuda. A biblioteca continua lá, no bairro de Belém, e na véspera da partida da corte o Luiz Joaquim dos Santos Marrocos foi chamado às pressas e recebeu a ordem de empacotar todos os livros da Real Biblioteca de Portugal. Que era uma grande curiosidade, porque embora Portugal fosse um país bastante conservador,

atrasado, um país muito monolítico nas ideias, que tinha se colocado como um bastião da contrarreforma protestante e virou um lugar muito dogmático, os reis de Portugal tinham o hábito de colecionar livros e documentos antigos. Os embaixadores portugueses, na Europa toda e ao redor do mundo, tinham a missão de identificar obras raras e comprar para o rei de Portugal. Isso era uma política de estado. Então essa biblioteca era um dos grandes acervos bibliográficos da época, em 1807, lá no Palácio Nacional da Ajuda.



O BIBLIOTECÁRIO

O Joaquim dos Santos Marrocos cuidava desse acervo. Um emprego que eu adoraria ter. Ele foi chamado às pressas, empacotou os livros que pôde, levou para o cais de Lisboa, para a Ribeira das Naus, e não deu tempo, porque as tropas de Napoleão estavam chegando. Os livros ficaram abandonados no cais de Lisboa, encaixotados. E chovendo. Chovia muito no dia que a corte embarcou. Os franceses chegaram e, além dos livros, tinha prataria e o ouro das igrejas. Claro que eles pegaram a pra-

taria e o ouro das igrejas, e devolveram os livros para os portugueses. Os soldados de Napoleão não estavam interessados em livros. E esses livros começaram a chegar no Brasil em três remessas consecutivas, a partir de 1809 até 1811.

MUDANÇA

Depois de o livro já entregue à editora — o título seria *Os segredos da corte*, que eram segredos do Luiz Joaquim dos Santos Marrocos —, baixou um santo em mim e liguei para o editor: “Vamos mudar, vamos por 1808, como uma rainha louca, um príncipe medroso e uma corte corrupta enganaram Napoleão e mudaram a história de Portugal e do Brasil”. E aí mudou o Laurentino, porque o livro teve tal repercussão que seis meses depois pedi demissão do meu emprego, coisa que jamais imaginava que faria. A obra captura e transforma o criador.

IDEIAS

Depois que terminei essa trilogia [1808, 1822, 1889], pensei em fazer dois projetos novos. Um seria sobre a Guerra do Paraguai, que acho que é um tema muito importante, mal contado, embora existam bons livros — como *Maldita guerra*, do Francisco Doratioto, um excelente livro. O outro seria uma biografia do Tiradentes. Mas aí fui me convencendo que o assunto importante mesmo era a escravidão. Primeiro que ele permeia esses três livros que já lancei. Se você observar, têm vários capítulos sobre escravidão e eu me dei conta de que me envolvi mais profundamente ao fazer esses capítulos do que os outros na verdade. E que, para explicar o Brasil de hoje, era importante olhar para a

escravidão menos do que para Getúlio Vargas, Juscelino Kubitschek, para os generais de 64. Até porque também já existem outros bons livros. Por exemplo, recomendo muito a biografia do Lira Neto, os três volumes sobre o Getúlio Vargas, que cumprem exatamente esse papel. O Lira Neto começa na Proclamação da República, finalzinho ali, na infância do Getúlio e vem até 1954, com o suicídio. E a outra série maravilhosa é a do Elio Gaspari, sobre a ditadura, *As ilusões armadas*, que são quatro livros que também cobrem esse período.

ESCRavidão

Os dois personagens que considero entre os mais importantes no Brasil do século XIX, José Bonifácio de Andrada e Silva e Joaquim Nabuco, já falavam isso. Em 1823, o José Bonifácio apresentou um projeto à assembleia constituinte prevendo acabar com o tráfico negreiro e a abolição gradual da escravidão. E ele diz, ali, que o Brasil não conseguirá ser uma sociedade organizada, funcional, digna dos nossos sonhos, enquanto tiver escravidão. Essa foi a principal razão pela qual D. Pedro fechou a constituinte, outorgou a Constituição de 1824 e mandou o José Bonifácio para o exílio na França. Porque, para a aristocracia rural e escravagista, era insuportável essa ideia. O Brasil estava viciado em escravidão. O Brasil foi o último país do hemisfério ocidental a acabar com o tráfico negreiro, em 1850, com a lei Eusébio de Queiroz, e a acabar com a escravidão em 1888, com a lei Áurea. Ou seja, o Brasil resistiu o quanto pôde acabar com a escravidão. E o Joaquim Nabuco dizia que não adianta abolir escravidão,

era preciso acabar com os traços da escravidão na sociedade brasileira, ou seja, educar os ex-escravos, seus descendentes, lhe dar terras, oportunidades, incorporá-los à sociedade brasileira na condição de cidadãos de pleno direito, com iguais oportunidades. O Brasil não fez isso. O Brasil aboliu a escravidão e abandonou seus escravos e a sua população negra à sua própria sorte. Ou seja, empurramos com a barriga um problema gigantesco que nós acumulamos ao longo de 350 anos. E tanto o José Bonifácio quanto o Joaquim Nabuco diziam: “Isso não vai dar certo. Se a gente não promover essa população, o Brasil vai virar uma coisa esquizofrênica para o resto da sua história.” E é o que nós temos feito até hoje.

NOVO PROJETO

Já fiz os três títulos dos meus novos livros: Todos vão se chamar *Uma história da escravidão*. Volume I: *Do primeiro leilão de escravos à morte de Zumbi dos Palmares*. O segundo: *Da corrida do ouro em Minas Gerais à chegada da corte do D. João no Rio de Janeiro*. E o volume III: *Da independência à Lei Áurea*. Embora a forma esteja preservada, tem muita história interessantíssima, pitoresca. Aconselho vocês a lerem. É interessante. Não é tão pesado quanto se imagina o tema. O primeiro sai na bienal do Rio de Janeiro, em setembro de 2019, outro em 2020 e o terceiro em 2021. Acabei de escrever o vigésimo primeiro capítulo, de um total de 25, do primeiro livro. Quero entregar para a editora até dezembro, ou janeiro, aí começo a escrever o segundo. Depois o terceiro. Tem muito trabalho pelo frente. ➡

UM ESCRITOR na BIBLIOTECA

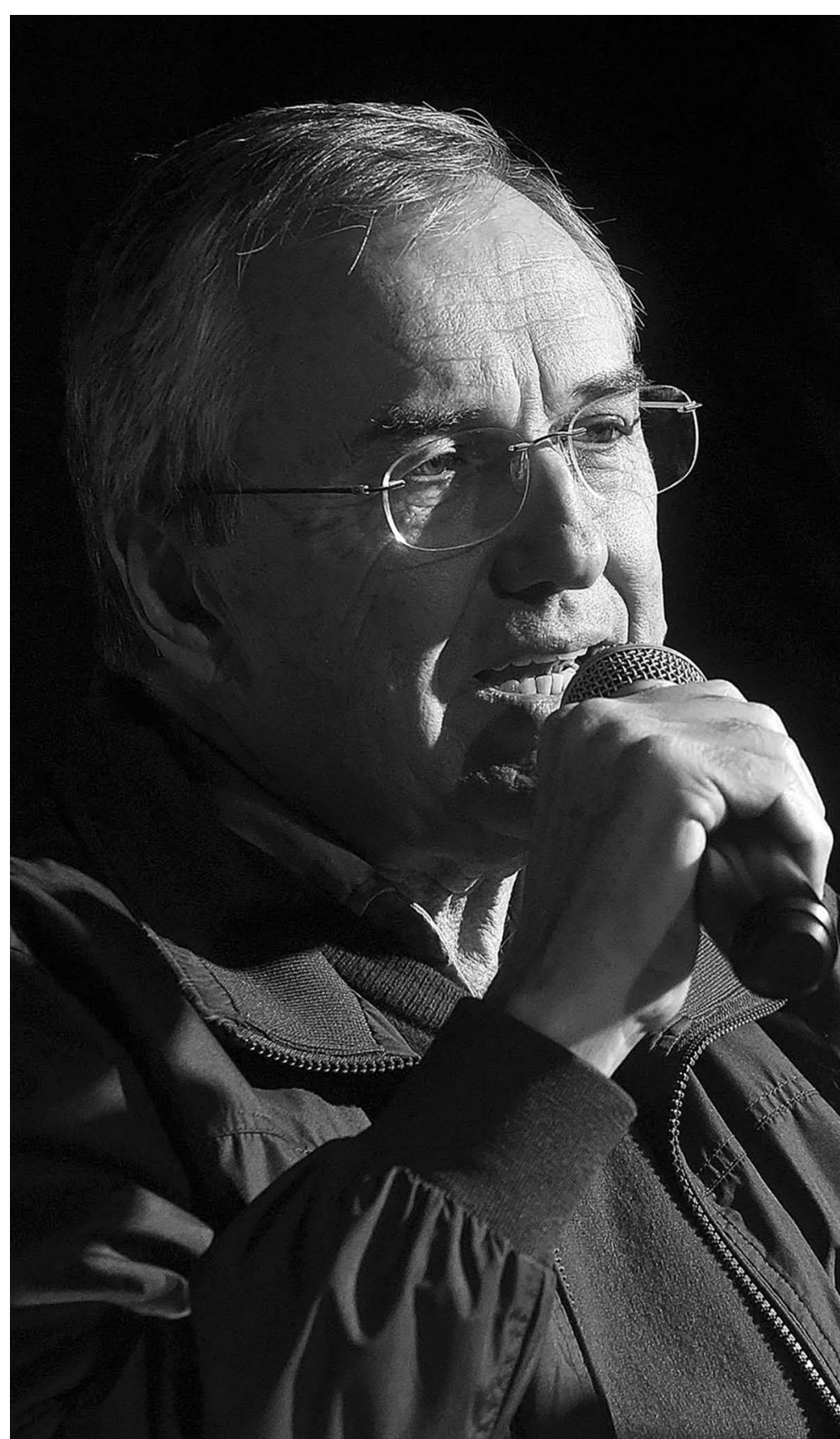
CHOCANTE

Vou antecipar uma coisa do próximo livro que me deixou realmente chocado. A mortalidade nos navios negreiros era uma coisa absurda. Não só nos navios negreiros, a mortalidade do tráfico era uma coisa, assim, inacreditável. Existe um pesquisador americano chamado Joseph Miller, que escreveu um livro chamado *Way of death* [*O caminho da morte*], em que ele estimou: de cada dois africanos capturados em guerras, sequestros, razias, no interior da África, só um chegava vivo no litoral para ser embarcado no navio negreiro. A mortalidade nos navios negreiros era em torno de 20% até chegar ao Brasil. Aqui, mais 5% morriam antes de ser leiloados. E mais 20% morriam nos três primeiros anos nos seus locais de trabalho. De maneira que, de cada três escravos capturados na África, só um sobrevivia mais de três anos na chegada ao Brasil. E o que mais me impressionou foi o número de mortos no mar. Morreram, ao longo de 350 anos, cerca de dois milhões de pessoas. Existem casos de navios negreiros que perderam mais de metade da carga — e jogavam no mar, todos os dias, de quatro a cinco cadáveres. Têm depoimentos que mostram que houve uma mudança nas rotas migratórias dos tubarões no Atlântico, durante o período do tráfico negreiro, porque era uma tal quantidade de pessoas que eram jogadas no mar todos os dias que os tubarões passaram a seguir os navios negreiros da costa da África, até o Caribe ou até o Brasil. Fiquei absolutamente chocado com isso.

MÉTODO

O que eu faço é um livro de não ficção, mas usando uma linguagem jornalística, uma maneira de cons-

truir o texto para capturar e reter a atenção do leitor. Por isso que uso esses títulos provocativos na capa — *Como um imperador cansado, um marechal vaidoso e um professor injustiçado contribuíram para o fim da monarquia e a proclamação da república no Brasil*. Um historiador acadêmico não usaria essa linguagem — aliás, não deve. O que eu estou fazendo? Eu estou lançando uma isca, tentando capturar o leitor pela capa do livro. E essa captura continua lá dentro, na forma como eu abro uma sequência dos capítulos. Alternando perfis de personagens — acho que sempre dão um refresco no livro quando você joga luz num personagem — com narrativas de acontecimentos e às vezes uma análise um pouco mais estruturada sobre a escravidão, a monarquia, o latifúndio no Brasil. Nesse caso, também tenho que me prender às fontes. Então, por exemplo, quando falo da chegada da corte no Rio de Janeiro, abro o capítulo dizendo que na manhã do dia 8 de março de 1808 uma brisa suave soprava do oceano em direção ao continente refrescando o verão carioca, e que as pessoas estavam na rua, que o céu estava azul, tinha uns retalhos de nuvem no horizonte. Não estou romaneando, tem um personagem que conta exatamente isso, o padre Perereca, que foi uma testemunha. Abro com ele. Então uso uma linguagem literária, mas me prendo às fontes de referência. Não posso preencher lacunas de conhecimento histórico com ficção. Não posso florescer. Não posso criar um ambiente que não tenha referência bibliográfica, referência documental, embora a linguagem que eu use seja literária, seja mais próxima da ficção.



REDE SOCIAL

Estou um pouco assustado com rede social. Acho que o ambiente está corrosivo, uma coisa de absoluta intolerância. Minha relação com rede social é um pouco es-

quizofrênica, porque preciso dela para capturar os leitores, especialmente os mais jovens. Se eu não estiver em rede social, os mais jovens provavelmente não vão se interessar pelo meu trabalho. E é lá que eu en-

contro essa turminha. Mas ao mesmo tempo é um ambiente tão hostil ao debate civilizado, à argumentação com o mínimo de bom senso, que às vezes tenho vontade de cancelar, parar com Twitter, com Facebook e nunca mais olhar rede social.

POLITICAMENTE CORRETO

Existe uma história politicamente incorreta hoje no Brasil, que foi muito incorporada por essa nova direita, né?, que nos EUA chama-se *alt-right* [direita alternativa]. É uma direita muito preconceituosa, xenófoba e que tenta reescrever a história, porque acha que essa história foi capturada pela esquerda no ambiente acadêmico. É muito interessante porque, antigamente, se dizia que a história politicamente correta seria a história oficial, do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e coisas assim. Aí, a esquerda promoveu uma primeira onda de história politicamente incorreta. Mas agora a direita incorporou essa bandeira, de fazer uma história politicamente incorreta, porque acha que a história foi capturada pela esquerda. É interessante isso. É um movimento muito pendular. Mas no que implica isso? Uma desconstrução como se na verdade tudo o que se estudou nos livros de história, cursos de graduação, pós-graduação, fosse falso. Como se houvesse uma agenda escondida no estudo e no ensino de história. E que na verdade tudo o que você aprendeu até agora, não existe.

JORNALISMO

O fake news é um fenômeno brutal, ao ponto de ter influenciado as eleições nos Estados Unidos, a mais antiga e consolidada democracia do planeta, democracia representativa, com quase 250 anos. O resultado foi alterado pelo fake news, pelo trabalho das redes sociais. E isso está acontecendo no mundo todo. Mas isso é um fenômeno típico de momentos de ruptura — de ruptura produzida, inclusive, pela tecnologia, e não nos deve assustar. Os formatos tradicionais de jornalismo estão morrendo rapidamente. Recentemente, a editora Abril demitiu 600 pessoas e fechou 10 revistas. Eu trabalhei lá durante 22 anos. É assustador. Os jornais estão em uma queda drástica de circulação, há uma perda de audiência da televisão aberta, do rádio não segmentado. o

que está em crise não é o jornalismo, é a forma de empacotar e distribuir a informação. Até porque o jornalismo, para mim, é a única proteção que nós temos ainda contra o *fake news*. Esse é o trabalho do jornalismo, ou seja, de apurar, ter credibilidade, ter marcas que tenham credibilidade junto aos leitores, telespectadores, profissionais que tenham essa imagem de credibilidade e que avalize.

JORNALISTA E HISTORIADOR

A história do Brasil sempre foi para mim uma segunda paixão, vamos dizer assim. Eu era jornalista do dia a dia, nas redações dos jornais e revistas onde trabalhei, mas sempre li muito sobre história do Brasil. Era, digamos assim, um hobby meu. Até porque não existe tanta diferença entre o jornalista e o historiador quanto se imagina. Os dois têm o mesmo objetivo, que é olhar um acontecimento, um personagem, um fenômeno, decifrá-lo e tentar chegar o mais próximo possível da verdade desse personagem, desse acontecimento e relatar. Claro que o historiador faz isso com método, com processo de validação no ambiente acadêmico, nas mesas de mestrado, de doutorado, onde estão seus pares. E o jornalista faz isso numa velocidade muito maior no dia a dia. Tem que fechar e publicar matérias em questão de horas às vezes. Então eu diria que o historiador tem a oportunidade de ser mais consistente na sua pesquisa, de mergulhar mais fundo. O jornalismo, não. Mas diria que o nosso trabalho é muito parecido. O historiador é o repórter que olha pro passado e o jornalista é o repórter que olha para o presente.

HISTORIADORES

Minha relação com os historiadores está muito boa, historiadores que eu respeito muito tem falado do meu trabalho — José Murilo de Carvalho, Lilia Moritz Schwarcz, Jean Marcel Carvalho França, entre outros, fizeram resenhas elogiosas ao meu trabalho. Mas, no começo, o problema é que não criticavam o conteúdo dos meus livros, mas a minha qualificação. O fato de eu não ser historiador me desqualificava automaticamente para escrever livro de história do Brasil. Então, supostamente, se tivesse feito um curso de graduação numa faculdade de história estaria qualificado. Agora, o fato de eu ter pesquisado 100 livros para escrever, não, isso não qualificava.

PLURAL

Mas acho que isso primeiro tem a ver com a disciplina de história, que é uma disciplina que tenta se legitimar, se qualificar no Brasil ainda hoje. Como o próprio jornalismo também. Então, a primeira coisa que você faz é defender seu território. A história, primeiro, é uma disciplina que pertence ao conjunto da sociedade que a constrói. E seria, por exemplo, injusto impedir que um bom arquiteto escrevesse história da arquitetura, um bom médico escrevesse história da medicina, um bom astrônomo escrevesse história da astronomia, e assim por diante. Ou seja, a história é muito plural, é múltipla. Ela tem facetas que o historiador sozinho não consegue dominar. O desafio do ensino da história do Brasil é tão grande que todo mundo que possa participar desse desafio é bem-vindo — seja jornalista, historiador, romancista histórico. Ao invés de brigar, a gente deveria somar esforços. ■



○ NONSENSE COMO CRÍTICA DA LÓGICA

Lewis Carroll é autor de várias obras, mas *As aventuras de Alice no país das maravilhas*, de 1865, é o livro mais popular do autor inglês, com ressonância entre público e crítica 120 anos após a morte do escritor

Lewis Carroll (1832-1898), de acordo com a professora da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) Dirce Waltrick do Amarante, viabilizou um novo conceito à literatura, especialmente no que diz respeito à ficção destinada às crianças. “Seus livros questionam o mundo, a fala, são filosóficos e instigam a refletir sobre o mundo à sua volta”, comenta Dirce, coordenadora da Pós-graduação em Estudos da Tradução da UFSC e tradutora, entre outros autores, de Lewis Carroll.

Doutoranda em literatura infantil e juvenil pela Universidade de São Paulo (USP), Nathália Thomaz acrescenta que *As aventuras de Alice no país das maravilhas*, livro publicado por Carroll em 1865, tem imensa importância para o surgimento do que viria a ser conhecido como literatura infantil. “Na época em que a narrativa foi lançada, havia poucas obras voltadas para as crianças. Nem mesmo o conceito de ‘infância’ estava plenamente desenvolvido da forma como conhecemos hoje”, diz Nathália.

Obra mais conhecida do autor, *As aventuras de Alice no país das maravilhas* surgiu durante um passeio de barco pelo rio Tâmisa, na Inglaterra. Na ocasião, o reverendo e professor de matemática na Christ Church, em Oxford, Charles Lutwidge Dodgson — conhecido pelo pseudônimo de Lewis Carroll — narrou as aventuras de uma personagem para três meninas, as irmãs Liddell: Lorina, de 13 anos, Alice, de 10 e Edith, de 8. “Alice foi quem deu o nome à protagonista da aventura”, destaca Dirce Waltrick do Amarante.

Nathália Thomaz observa que, posteriormente, Carroll adaptou a história contada oralmente para uma versão manuscrita, com a finalidade de presentear Alice e, anos depois, a publicou como um livro disponível para o público em geral. No entanto, enfatiza a pesquisadora, todo esse caminho, do que viria a ser *As aventuras de Alice no país das maravilhas*, não significa que o livro seja apenas para crianças.

“O manuscrito do livro, chamado *Alice’s adventures underground*, é maravilhoso e tão fascinante quanto o livro clássico. Existem algumas diferenças essenciais: ele tem uma quantidade bem menor de capítulos, a narrativa é muito focada nas transformações de tamanho de Alice, e alguns detalhes são bem diferentes do livro publicado”, explica Nathália Thomaz.

No que diz respeito ao público-alvo do livro *As aventuras de Alice no país das maravilhas*, Cíntia Schwantes afirma que, como Lewis Carroll utilizou largamente o nonsense e o humor, a obra tende a ser agradável para qualquer faixa etária. “Mas foi pensada para ser lida por

crianças”, pontua Cíntia, professora da Universidade de Brasília (UnB).

“Entre outras coisas, *As aventuras de Alice no país das maravilhas* apresenta uma visão do mundo dos adultos por uma perspectiva infantil e, através dos olhos de uma criança, muitos dos hábitos naturalizados em sociedade aparecem em todo o seu esplêndido absurdo. A obra foi escrita (como outras obras do autor) visando um público infantil, o que não impede a sua fruição por pessoas que são crianças há mais tempo”, analisa a estudiosa.

ESTRATÉGIAS DESCONCERTANTES

O primeiro capítulo de *As aventuras de Alice no país das maravilhas*, “Pela toca do Coelho”, é o favorito de Nathália Thomaz. “Gosto muito da forma como Carroll atrai o leitor para ingressar no mundo do nonsense, assim como o coelho branco atrai Alice para sua toca”, afirma. A pesquisadora analisa que a forma como a lógica cartesiana começa a se distorcer, enquanto Alice cai pela toca do coelho, ilustra exemplarmente a maneira como a história se desenvolverá.

“O narrador leva o leitor por toda a linha de raciocínio de Alice que começa, aos poucos, a se libertar da lógica formal para se tornar cada vez mais onírica. Fascinante, para mim, é o momento em que o leitor é capturado pelo livro. Depois disso, só resta viver a aventura com Alice”, reflete Nathália.

Dirce Waltrick do Amarante salienta que todos os capítulos de *As aventuras de Alice no país das maravilhas* discutem questões importantes, de acordo com a professora da UFSC, “da ordem da lógica, da linguagem, da educação, da história, da psicologia, da filosofia, etc”. Mas ela destaca o capítulo 5, “Conselho de uma

Lagarta”, em que a personagem pergunta à Alice: “Quem é você?”. A protagonista responde o seguinte: “Eu... eu mal sei, Sir, neste exato momento... Pelo menos sei quem eu era quando me levantei esta manhã, mas acho que já passei por várias mudanças desde então”.

De acordo com a especialista da UFSC, o diálogo remete — entre outras referências — ao aforismo grego “Conhece-te a ti mesmo”, inscrito na entrada do templo de Delfos, cuja autoria é incerta, ainda que se atribua a máxima ao sábio grego Tales de Mileto, a Sócrates, Heráclito ou Pitágoras. “Aliás, a frase na íntegra é: ‘Conhece-te a ti mesmo e conhecerás os deuses e o universo’”, observa Dirce, que ainda acrescenta: “Daí voltamos a Sócrates, que teria também dito: ‘Só sei que nada sei’. Devido a isso, talvez Alice seja socrática”.

Já o professor da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) Pedro Theobald considera relevante o capítulo 9, “A história da Tartaruga falsa”: “Aparentemente, a Tartaruga não tem razão para estar triste nem alegre. Mas sua história, absurda e sem sentido, se parece com muitas outras da literatura moderna”.

A professora da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) Carla Alexandra Ferreira tem a impressão de que a cena do julgamento da protagonista, que aparece nos capítulos 11 e 12, respectivamente, “Quem roubou as tortas?” e “O depoimento de Alice”, é um momento importante do romance por apresentar o resultado de um processo que foi construído ao longo do texto.

“Muitos foram os momentos em que o mundo estável de Alice foi posto em xeque: seus aprendizados, etiqueta para meninas inglesas de classe média, crenças sobre a ordem

MEMÓRIA LITERÁRIA | LEWIS CARROLL

ILUSTRAÇÃO: JOHN TENNIEL



O ILUSTRADOR DE CARROLL

O professor da PUCRS Pedro Theobald afirma que as primeiras ilustrações de *As aventuras de Alice no país das maravilhas* merecem atenção. O autor delas se chama de John Tenniel (1820-1914) e as imagens ainda são reproduzidas em reedições e traduções — no Brasil, a Zahar as utiliza.

Cego de um olho, mas dono de uma memória fotográfica considerada impressionante, o inglês Tenniel desenhava até sem modelos. Produziu mais 2 mil ilustrações e caricaturas para a revista satírica *Punch*, da Inglaterra, entre 1850 e 1901. Ilustrou diversas obras, mas tornou-se célebre pelo trabalho que realizou com os livros de Carroll, *As aventuras de Alice no país das maravilhas*, de 1865, e a sua continuação, *Alice através do espelho*, de 1872.

natural dos eventos. Durante todos eles, a personagem tentou manter o que aprendera em seu meio, sendo uma menina bem-educada e polida. Contudo, na hora do julgamento, ela tem seu momento de rebeldia e diz que o que acontecia era nonsense e que se recusava a aceitar sua sentença”, explica a professora da UFSCar.

Já Cíntia Schwantes chama atenção para a própria estrutura do livro, segundo ela, “bastante curiosa”. “O leitor pode ter uma certa medida de certeza de que toda a aventura de Alice foi um sonho — é o que lhe diz a irmã mais velha, que, por ter mais idade, é a voz do bom senso. No entanto, a própria Alice não fica muito convencida disso”, diz Cíntia. Para a professora da UnB, o leitor pode escolher se toma o caminho do bom senso ou o da imaginação: “Pode escolher se acredita que Alice apenas sonhou, ou se ela de fato viveu todas as aventuras de que se lembra. Quando criança, eu sempre escolhia o caminho da imaginação”.

A VISIBILIDADE DE UMA NARRATIVA

Nathália Thomaz salienta que Lewis Carroll escreveu muito desde pequeno. “Em sua família, sempre foi o responsável pelas narrativas e diversões. Em uma época sem televisão e internet, alguém com habilidades de criar ficções era bastante querido em eventos sociais”, explica.

Lewis Carroll, lembra Nathália Thomaz, separava com muita clareza sua persona de autor da persona do professor universitário, atividade em que assinava com seu nome próprio: Charles Lutwidge Dodgson. Nathália observa que, como matemático, ele publicou diversos livros, trata-

dos e desafios de lógica. “Além disso, escreveu cartas e mantinha diários bastante detalhados. Alguns desses diários e cartas estão disponíveis para consulta online no site da British Library”, conta a pesquisadora.

Carroll elaborou uma continuidade para *As aventuras de Alice no país das maravilhas*, *Alice através do espelho* (1872) — romance que também obteve repercussão de público e crítica. Já *Silvia e Bruno* (1889) não teve a mesma ressonância que as narrativas que têm como protagonista a personagem Alice obtiveram — o **Cândido** publica na página 26 um fragmento de *Silvia e Bruno*, traduzido por Sérgio Medeiros, texto inédito no Brasil e previsto para sair em 2019 pela Iluminuras.

“Hunting of the Snark” (traduzido para o português por Augusto de Campos como “A caça ao Turpente”) é um poema narrativo nos moldes dos poemas épicos do século XVI, mas — na avaliação de Cíntia Schwantes — recheado de jogos de palavras, muitas inventadas, em um tom chistoso que é a marca do autor. “A crítica oscilou entre elogiar e reprovar a obra, usualmente pela mesma característica, o uso do nonsense, mas o público aderiu a ela entusiasticamente”, comenta a professora da UnB.

Mas, de fato, *As aventuras de Alice no país das maravilhas* é a obra mais conhecida do autor em âmbito mundial. Cíntia Schwantes analisa que a adaptação do livro, realizada pelos Estúdios Walt Disney, em 1951, ajudou a popularizar a narrativa e se desdobrou em outros produtos, como versões em HQ e encenações em teatros.

Dirce Waltrick do Amarante aprecia a adaptação cinematográfica que o diretor tcheco Jan Svankmajer

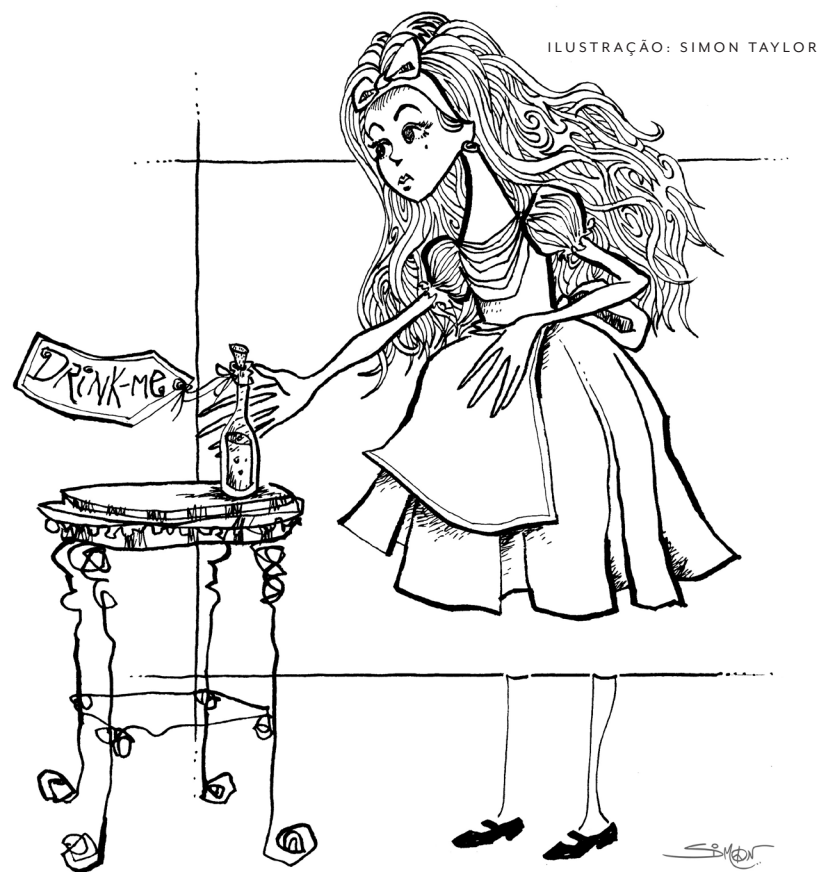


ILUSTRAÇÃO: SIMON TAYLOR

realizou, em 1988, de *As aventuras de Alice no país das maravilhas*. Nathália Thomaz defendeu na Universidade de São Paulo (USP), em 2012, uma dissertação de mestrado comparando o grotesco do manuscrito de *As aventuras de Alice no país das maravilhas* e o de *Alice*, longa-metragem de Svankmajer. “O grotesco está presente na história de Carroll desde seu manuscrito, especialmente em suas ilustrações, e complementa o nonsense característico da obra. Em seu filme, Svankmajer amplifica os elementos da estética do grotesco e da linguagem nonsense, estabelecendo um diálogo único e cru com a obra de Carroll”, comenta Nathália.

Já Pedro Theobald avalia que a notoriedade de *As aventuras de Alice no país das maravilhas* tem relação com o fato de a narrativa ser, cronologicamente, a primeira das obras literárias importantes e reconhecidas de Lewis Carroll.

Carla Alexandra Ferreira acredita que essa obra de Carroll é a mais comentada por causa de sua proposta, que desafia a lógica e as regras sociais vitorianas [o termo Era Vitoriana refere-se ao reinado da Rainha Vitória, na Inglaterra, de 1837 a 1901] por meio da criação de um mundo em que a lógica e o aprendizado escolar daquele contexto, enquanto as regras, são subvertidos e não funcionam.

“Quando Alice tenta responder a questões aritméticas, por exemplo, as respostas que saem de sua boca não são as que aprendera na escola: dois mais dois, naquele local, resultam em vinte e cinco. Além disso, o romance ainda trabalha com a questão identitária que é apresentada em um contexto de revisão de valores estabelecidos. A pergunta de Alice sobre quem ela é nesse mundo, durante sua viagem pelo país das maravilhas, torna-se o grande questionamento desse livro”, opina.

ILUSTRAÇÃO: JOHN TENNIEL



OS ANIMAIS DE CARROLL

Animais falantes são, evidentemente, anteriores à obra de Lewis Carroll. A professora da UFSC Dirce Waltrick do Amarante diz que — de certa forma — o diálogo entre Chapeuzinho Vermelho e o Lobo Mau, da fábula do século XVII, é tão estranho quanto aqueles presentes em *As aventuras de Alice no país das maravilhas* — a protagonista conversa com uma lagarta e com um coelho, entre outros bichos.

De acordo com Cíntia Schwantes, especialista da UnB, a diferença crucial entre as conversas de personagens humanos com animais, por exemplo, das fábulas do século XVII e as de *As aventuras de Alice no país das maravilhas* é que, neste caso, não há lição de moral. “Um dos motivos do sucesso da obra de Carroll, provavelmente, foi a subversão dos textos vetustos que eram apresentados às crianças”, comenta Cíntia.

Dialogando com Cíntia Schwantes, Carla Alexandra Ferreira, pesquisadora da UFSCar, afirma que, antes da publicação de *As aventuras de Alice no país das maravilhas*, os livros para crianças tinham caráter instrucional e moralista: “Embora nas fábulas anteriores ao livro de Carroll houvesse animais falantes, o protagonismo dado à Alice, bem como a interação da menina com os animais naquele universo fantástico, é algo novo. E mais: no caso de Carroll, a fantasia e o nonsense ocupam o lugar do moralismo”.



MEMÓRIA LITERÁRIA | LEWIS CARROLL

O ESCRITOR E A ALICE REAL

Charles Lutwidge Dodgson, conhecido pelo pseudônimo Lewis Carroll, tornou-se, quando jovem, amigo do pai de Alice Liddell e suas irmãs, o então reitor da Christ Church, Henry Liddell. Matemático, romancista, contista, fabulista, poeta, desenhista, fotógrafo e diácono da Igreja Anglicana, Dodgson passava muito tempo com as meninas da família, entretendo-as e contando histórias.

“De fato, *As aventuras de Alice no país das maravilhas* surge de uma dessas histórias contadas a Alice e suas irmãs numa tarde de passeio pelo Rio Tâmis. A menina, Alice, gostou tanto da história que pediu a ele que a escrevesse para ela”, reforça Carla Alexandra Ferreira, sem deixar de acrescentar que, “quando Alice chega à adolescência, a família já não deseja a presença de Carroll como amigo, e a amizade é desfeita. Não há provas de que algo tenha acontecido entre ele e a meni-

na. Mas, na falta de informações, há especulações”.

Nathália Thomaz afirma que, em suas pesquisas, nunca encontrou nada indicando que Charles Lutwidge Dodgson pudesse ter cometido algum abuso com as crianças com quem se relacionou. “Alguns biografos sugerem essa possibilidade porque ele nunca se casou, e preferia sempre se cercar de crianças do que de adultos, e construía relações muito próximas com elas. As levava para passear, escrevia cartas, enigmas matemáticos e comentou diversas vezes em seus diários o quanto apreciava a companhia de meninas pequenas”, diz a pesquisadora.

As suspeitas, não comprovadas, de que o autor de *As aventuras de Alice no país das maravilhas* poderia ter eventualmente abusado de meninas ganha força devido ao trabalho dele como fotógrafo amador. “Muitas de suas fotos retratam crianças pequenas nuas, em poses que parecem sensualizadas. Esses ensaios,

entretanto, eram sempre realizados com autorização dos pais”, explica Nathália Thomaz.

Naquela época, continua a estudiosa, a fotografia tinha acabado de ser descoberta e as pessoas pensavam nos registros fotográficos de uma forma bem diversa da que pensamos hoje: “Alguns pais poderiam desejar eternizar a ingenuidade e delicadeza da infância com um ensaio como este (nu feminino)”.

Cíntia Schwantes levanta outra questão a respeito do afastamento de Lewis Carroll da família de Alice. “A hipótese mais acreditada é a de que Carroll pediu Alice em casamento quando ela completou 11 anos. Não era uma idade impossível para o casamento — após a primeira menstruação, meninas eram consideradas prontas para o casamento, embora sua apresentação em sociedade demorasse mais dois ou três anos”, comenta.

A especialista da UnB acrescenta que a recusa da família, devido ao fato de que a situação econômica do proponente foi considerada insuficiente, teria provocado um afastamento entre eles: “Alice Liddell casou-se, mais tarde, com Reginald Hargreaves, herdeiro de uma fortuna considerável”.

Charles Lutwidge Dodgson jamais se casou e, como salienta Cíntia Schwantes, sua família procurou apagar as evidências de suas relações (“algo escandalosas”) com mulheres, solteiras ou casadas, para proteger a reputação do matemático e escritor, morto há 120 anos.

REPRODUÇÃO



Johnny Depp e Tim Burton: Carroll no cinema.

ALICE NO CINEMA

O mais célebre livro de Lewis Carroll já recebeu algumas adaptações para o cinema. Há uma versão de *As aventuras de Alice no país das maravilhas* (1903), de quase 12 minutos, dos quais restaram apenas 8 minutos — conteúdo disponível no Youtube. O curta-metragem de Cecil M. Hepworth e Percy Stow dialoga diretamente com as ilustrações de John Tenniel.

Em 1951, os estúdios Walt Disney apresentaram sua primeira versão do clássico de Carroll, uma animação de 75 minutos. Em 2010, a mesma empresa viabilizou outra adaptação de *As aventuras de Alice no país das maravilhas*, dirigida Tim Burton, com Mia Wasikowska como Alice e Johnny Depp interpretando o Chapeleiro Maluco. O longa-metragem, de 108 minutos, faturou mais de U\$S 1 bilhão em âmbito mundial.

Em 2016, Tim Burton assinou a produção de *Alice através do espelho*, longa dirigido por James Bobin — outra realização da Disney.

Já *Alice* (1988), do diretor tcheco Jan Svankmajer, flerta intensamente com o nonsense do livro de Carroll em 86 minutos, e é considerada a mais cult das versões.



Simon Taylor recria Lewis Carroll.

METAMORFOSE DE UM LEGADO

Cíntia Schwantes afirma que um dos grandes equívocos ditos, e repetidos, a respeito da obra de Lewis Carroll sugere que ele escreveu textos leves e desprezíveis, que serviriam “apenas” para preencher o tempo de forma agradável. “Os textos de Carroll são todos bastante críticos de uma sociedade hipócrita, e que submetia suas crianças a muita violência enquanto afirmava protegê-las”, diz a professora da UnB.

Dialogando com o ponto de vista de Cíntia Schwantes, Nathália Thomaz acrescenta que o livro mais conhecido de Lewis Carroll traz uma história, essencialmente, sobre transformação. “Hoje em dia, *As aventuras de Alice no país das maravilhas* é uma obra muito maior do que Carroll poderia imaginar naquela tarde no Tâmesa. Dali, ele produziu um manuscrito, que foi adaptado para um livro e, desta obra, surgiram inúmeras leituras e releituras”, comenta.

De acordo com a pesquisadora, a narrativa sobre a menina chamada Alice, que sofre diversas transformações, também se transforma a partir de novas leituras. “Cada nova versão, seja um filme, um musical ou uma animação, reverbera nas próximas, valoriza, reafirma e atualiza o clássico”, salienta Nathália Thomaz.

Carla Alexandra Ferreira enfatiza que a recepção de *As aventuras de Alice no país das maravilhas* tem trazido, ao longo do tempo, a questão do absurdo, nonsense e do surrealismo, o que de fato aparece na história. “Contudo, é importante destacar que se trata de um romance escrito no contexto da Era Vitoriana, por um matemático de formação e diácono da Igreja Anglicana, que lecionou matemática, por toda a vida, em Oxford. A lógica é, portanto, seu material de trabalho”, destaca.

A partir dessa interpretação, a professora da UFSCar explica que *As aventuras de Alice no país das maravilhas* traz dois mundos em diálogo e colisão: o da lógica, da ordem, e o da fantasia e nonsense. “Então, o leitor tem diante de si uma grande obra e o alcance ao enriquecimento semântico que uma leitura, por esse viés, pode trazer. Concentrar-se em apenas um dos lados, embora seja um exercício de leitura valioso, significa deixar de lado uma grande questão do livro, inclusive o diálogo entre esses dois mundos [lógica e nonsense]”, analisa Carla Alexandra Ferreira. ■

FICÇÃO | VILMA ARÊAS

VESTIDOS

DE

PALHA

Totó me olhou com aqueles doces olhos de andorinha e me disse: “Pode me chamar de Antonio”.

Federico Fellini

A respeito dele podemos retomar o que presumimos do universo: quando e de que forma surgiu? À primeira vista ambos parecem eternos. A ponderação é de Jean Clair: o primeiro primata a se pôr de pé, ousando se erguer sobre as patas e controlando a vertigem, foi o primeiro saltimbanco. Começava aí a aventura de nos equilibrarmos precariamente, percorrendo “o fio invisível” da existência.

Séculos depois, no teatro popular napolitano, ele se vestia da fazenda de forrar colchões de palha. Parecia mesmo um saco de palha. Parecia qualquer coisa, menos um homem. Seria um bicho?

Fellini pelo menos afirma que Carlitos era um gato feliz que sacudia os ombros e ia embora. E que Totó era algo natural e completo, talvez outro gato. Ou um morcego.

Parece até que nunca foram homens. Quem disse que palhaços têm sexo? Não, senhor, não têm. Não cabem nessa saia justa. São inocentes. Só por isso já fazem rir. Ao mesmo tempo são mais do que isso. Certamente resultantes de uma longuíssima sedimentação. Mal comparando, é o que acontece com as pedras, dentro das minas ou rente ao chão dos desertos.

Duros como elas, pois costumam treinar o corpo desde pequenos, engambelando a fome. Nisso se assemelham também aos pobres coitados, que se enfiam indiferentes em qualquer roupa velha a seu alcance. Em casos extremos se enrolam nesses cobertores baratos, cinzentos, tristíssimos e transparentes. Embora pareçam, não são palhaços profissionais, estes sim, que fingem não ligar para nada, aos pulos e rindo muito. Quem não gosta?

Palmas. Palmas.

Apesar da maquiagem extravagante, pincelando narizes de batata, piruetas tronchas e saltos mortais, eles acabam fazendo a maldade brotar no palco como uma fonte. Como água pura dentro dos olhos.

As crianças a princípio nunca se enganam com essa parafernália, se assustam, têm medo e choram. Até ficarem definitivamente hipnotizadas pela ilusão.

Agora um detalhe bem chato: desde a comédia antiga a cólera desaba sobre eles, como se fossem meros escravos vestidos de palha. Mas será mentira? O que vemos é

que a despeito de sua mortal fadiga, são ameaçados constantemente com o pau-de-arara, com os açoites, com a crucificação, com a cabeça besuntada de piche e levada ao fogo.

— Vou terminar meus dias numa cruz, onde seguirei o destino de meus ancestrais, pai, avô, bisavô, lamentou-se Céledro, um tipo ordinário.

Mas, por favor, é melhor parar com detalhes, quem vai levar essa choradeira a sério? Esses olhos doces, de mel? Quanto exagero! Chamem depressa aquela andorinha.

Mas é que, pensando bem, não nos interessamos jamais por um desespero sem *pedigree*.

Mesmo observando a resistência do palhaço em cena (não importa quantas vezes um homem é derrubado, pois ele se levanta etc), mesmo assim somos fiéis à nostalgia do herói trágico, votado por definição à morte. Lágrimas correm, os lencinhos se afobam, olhos parecem ceifados como flores. Também bigodões são arrancados, colares ou cabeleiras, nos retratos travestidos dos palcos.

Palmas. Palmas.

(Ao saber da traição do tio naquela tragédia célebre, o Príncipe só pôde gemer “Oh, minha alma profética”. Pois de súbito compreendia, pedindo ao próprio coração que se detivesse, que um canalha podia levar a vida a sorrir.)

Ah, mas é melhor virar a página. Ninguém duvida que as histórias possíveis viraram frangalhos à custa da mera repetição. Sem relatos de bordo, com o sumiço das caixas pretas, frequentemente escolhemos o consolo da obscuridade, essa coisinha vulgar e gastro-sexual. Por isso podemos relaxar e afirmar tranquilos, entre duas gargalhadas e um requebro, que os obscenos

vão bem, obrigado. Muito bem mesmo. Prazer violento no reino da incoerência.

(De repente parece que falta um pouco de ar.)

Mas olhe lá, não perca: Fellini surge pela última vez, afastando com dois dedos a cortina prateada dos aplausos. Silêncio profundo. Ele declara que entre todas as formas de espetáculo, a comédia é a que mais se avizinha da poesia.

Como assim, meu leviano?

É, sim. A comédia faz uma releitura dos sentimentos e mostra claramente que a natureza não é natural.

Neste momento preciso, como qualquer animal ameaçado, o homem mostra as presas. Ri.

Palmas. Palmas.

Esta comédia sem remorsos assegura total impunidade a quem nos roubar de todos os nossos pertences: o teto sobre nossas cabeças debaixo do Minhocão, um nome ou uma criança acabada de nascer. A onipotência plena da máscara surge na linha do horizonte como a lua vermelha, poluída do veneno das cidades.

Chega. Abandonemos enfim a lengalenga: na curva do texto derrapamos em nossa precariedade histórica.

Isso ocorre frequentemente em Shakespeare, quando a máscara do bufão cai de súbito e olhamos diretamente no rosto de um escravo batido e ridicularizado. ■

VILMA ARÊAS nasceu em Campos dos Goytacazes (RJ) e vive em São Paulo (SP). É professora titular de literatura brasileira na Unicamp. Estreou na ficção com *Partidas* (contos, 1976). Seus livros *Aos trancos e relâmpagos* (literatura infantil, 1988) e *A terceira perna* (contos, 1992) ganharam o prêmio Jabuti. Em 2005, *Clarice Lispector com a ponta dos dedos* (ensaio) recebeu o prêmio APCA na categoria literatura. O mais recente livro da autora é *Um beijo por mês*, lançado este ano.

CAPA

ILUSTRAÇÃO: ANDRÉ DUCCI



DIVULGAÇÃO/MARCELO CORREA

LITERATURA POP BRASILEIRA — SUCESSO E CONTRASSENSO

Televisão, consumo, cinema, quadrinhos, videogame e música pop passaram a fazer parte de narrativas criadas por escritores nacionais. A geração 2000 trouxe referências que assimilaram o popular à linguagem literária, dando origem a livros que ajudaram a diversificar a ficção do país

SANTIAGO NAZARIAN

“Jovem, tatuado, redator de disk-sexo e ganhou um prêmio de literatura.” Essa era a manchete de uma das primeiras matérias sobre meu trabalho como escritor, num jornal de grande circulação.

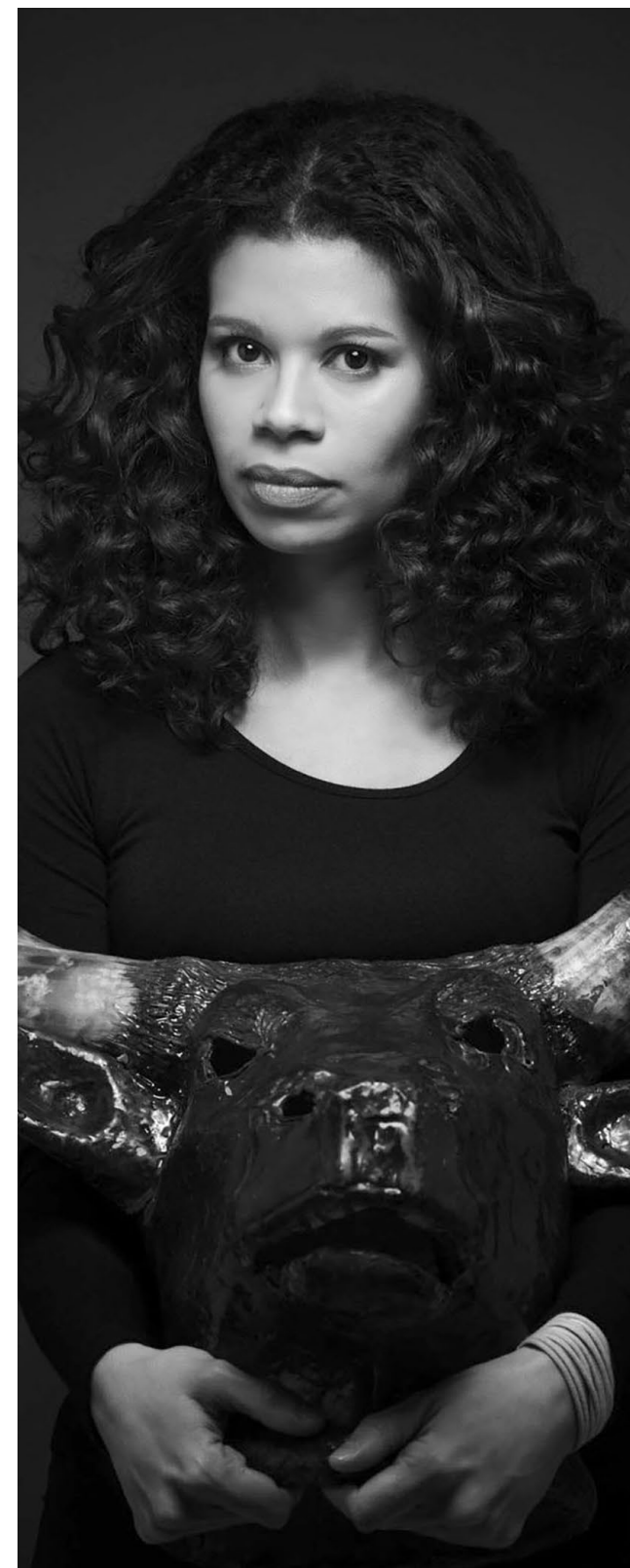
O ano era 2003, e eu tinha a sorte de fazer parte da nova geração de autores do começo do milênio, que encontrava na internet novas formas de divulgação e novas possibilidades de publicação.

Naqueles tempos, da internet 1.0, a comunicação era basicamente escrita, ainda não se tinha a capacidade de áudio e vídeo que se tem hoje; e assim surgia uma nova leva de es-

critores que, pela primeira vez, podia formar um público sem precisar de uma grande editora por trás. Esses “jovens tatuados” vinham com novos temas, novas estéticas, aproximando a literatura de uma linguagem mais jovem e urbana.

Estabelecia-se assim a literatura pop brasileira.

O termo “literatura pop” é controverso e de definição imprecisa — se não conseguimos definir nem o que seria “literatura”... —, e muitas vezes é falsamente compreendido como uma literatura mais rasa, de fácil assimilação ou apelo popular. Eu mesmo fiquei um tanto incomodado com o rótulo de “escritor pop” que me foi dado por críticos bem-intencionados



A escritora Ana Paula Maia, que este ano lançou seu sétimo livro, *Enterre seus mortos*, começou a publicar pela Coleção Rocinante, da editora 7Letras.



CAPA

como Beatriz Resende, nesse início de carreira. Levaria tempo (e maturidade) para eu assumir a veia (com *Mastigando humanos*, meu quarto livro).

Novidade no começo dos 2000, levaria tempo também para o pop conquistar seu devido espaço na ficção literária — e mesmo hoje talvez ainda enfrente resistências. O que é popular não pode ser erudito. E o que não é erudito não pode ser levado a sério pela crítica.

“A palavra popular já é complexa. Quando se fala em pop, então, é mais difícil ainda de saber sobre o quê estamos falando. Pop pode ser sinônimo de ‘muderninha’, de pós-moderna (no sentido de romper as barreiras entre o popular e o erudito), de estilo que leva em conta as influências midiáticas, de uma literatura jovial e livre das amarras beletristas, de autores que se interessam em atingir um público mais amplo, e por aí vai. Então, antes de tudo é preciso saber do que se fala quando se fala de literatura pop”, diz Cristiane Costa, crítica literária, escritora e professora da UFRJ.

FRONTEIRA TÊNUE

É curioso notar como essa separação entre cultura pop e alta cultura no Brasil não é exclusividade da literatura. No cinema ou na música também sempre houve uma separação do que era produto de massa, comercial e o que era a produção intelectual (uma fronteira que não é tão definida em países anglófilos, por exemplo).

“É uma fronteira muito tênue”, afirma o crítico musical Mauro Ferreira. “Porque alguns compositores da MPB volta e meia flertam intencionalmente com o pop, notadamente Caetano e Gil, arquitetos da Tropicália. Um cantor de MPB pode soar pop. No entanto, ele



DIVULGAÇÃO/RENATO PARADA

O gaúcho Antônio Xerxenesky mistura referências de cinema e música em suas narrativas. No livro *F*, o cineasta Orson Welles está no centro da trama.

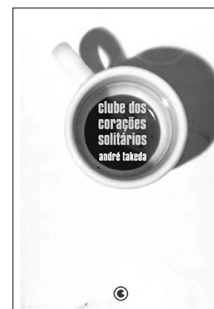
sempre terá uma obra ‘sofisticada’ que o põe em patamar superior daqueles que fazem música pop por não terem outra opção. Mas ressalto que, alguns, como Chico Buarque e Edu Lobo, nunca tentaram uma aproximação com o universo pop.” Ferreira acrescenta: “Mesmo que esses compositores já tenham perdido o elo com o chamado <povão>, continuam sendo referenciais justamente pela sofisticação. A música pop, por mais que seja bem feita, tende a ser mais simples, justamente para facilitar a assimilação popular. Pop, afinal, vem de popular. Daí o abismo.”

Na literatura, o rótulo se torna mais nebuloso, uma vez que associar o termo “popular” a um livro soa meio paradoxal num país de não-leitores. A literatura pop — mais do que popular ou do “povão” — é aquela que se apropria de elementos da cultura popular, o que não necessariamente faz dela mais acessível à grande massa.

Se houve grandes êxitos editoriais com certa carga pop ainda nos anos 1980, com autores como Marcelo Rubens Paiva, Márcia Denner e Caio Fernando Abreu, foi no início dos 2000 que a literatura pop se estabeleceu de vez, com essa nova geração de autores que trazia o pop não apenas na escrita, mas na postura e interação com o público.

Como exemplo, apesar da carga cinematográfica de sua obra, Marçal Aquino é um autor de sucesso, de uma geração anterior, que não se reconhece como parte do “movimento”.

“Não estou certo de que o trânsito por gêneros tenha, de alguma maneira, trazido um caráter pop para o que escrevo. Lembro que, na década de 1970, quando me formei como



DIVULGAÇÃO

leitor e escritor, que foram anos de muita literatura engajada e alegórica, o único que se assumia como escritor pop era o mineiro Roberto Drummond, autor de livros como *A morte de D.J. em Paris* e *Sangue de Coca-Cola*.” (Drummond curiosamente morreu em 2002, quando a “geração pop” começava a arregasar as mangas).

INFLUÊNCIAS

A consolidação do pop na literatura brasileira é fruto de um contexto que começou com o fim da censura, a abertura política (o fim da ditadura) e culminou com a ampliação de voz dos jovens escritores pela internet.

Uma das pioneiras da “Geração Zero Zero”, a gaúcha Clara Averbuck (que antes assinava como Clarah, com “H” no final) começou a divulgar sua escrita na virada do século através do fanzine eletrônico (via e-mail) *CardosOnline*, de onde vieram outros autores reconhecidos, como Daniel Galeira e Daniel Pellizzari. O fanzine com base em Porto Alegre foi um marco dessa nova literatura, utilizando da ferramenta tecnológica para alcançar horizontes bem maiores do que as tradicionais publicações xerocadas. Clara migrou em seguida para um blog próprio (*Brazileira Preta*), formato que também era novidade, e atingiu uma febre de acessos para os padrões da época (na casa dos milhares; nada comparado aos milhões que hoje têm os youtubers). Isso atraiu os olhos da editora Conrad — mais conhecida pelas HQs, que já havia publicado o jovem André Takeda, com o romance *Clube dos corações solitários*, que tem seu título tirado da música dos Beatles (“Sgt. Pepper’s”). O primeiro livro de Clara, *Máquina de Pinball*, também já trazia carga pop no próprio título e era



Autor de romances policiais, Raphael Montes situa suas tramas no Rio de Janeiro contemporâneo porque acha “interessante que um livro seja um registro daquele tempo em que se passa a história.”

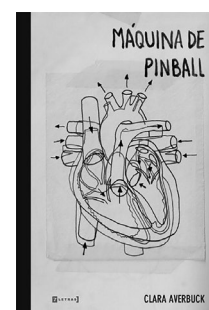
dedicado, entre outros, “Aos Strokes” (banda nova-iorquina de rock que despontava na época). Ela era uma menina tatuada, que interagia com os fãs pelas redes sociais (e pelos bares) e falava a língua deles. “O leitor quer mais é se identificar com a obra”, diz ela.

A saga de Clara acabou virando filme: *Nome próprio*, dirigido por Murilo Salles, com Leandra Leal no papel principal. Curioso que se pretendia um retrato atualíssimo de uma geração, mas pela lentidão da produção cinematográfica brasileira acabou sendo lançado apenas em 2008. Então, a realidade da internet (disca-da) que retratava já estava ultrapassada, o que, se não comprometeu a qualidade artística da obra, a tornou um filme de época.

Antes de Clara, Fernanda Young foi uma espécie de precursora dessa linguagem pop. Vinda da televisão, ela já era roteirista de sucesso da Rede Globo, com “Os Normais”, quando publicou seu primeiro romance, *Vergonha dos pés*, em 1996. Ela também era uma “jovem tatuada”, que incorporava muito da carga pop e televisiva em seus textos.

“Eu não venho de uma família letrada”, confessa. “As minhas referências são da cultura pop — da televisão, Chico Anísio, Dias Gomes, Casal 20, As Panteras” (risos). “Mas isso não quer dizer que eu faça uma escrita fácil.”

Young sentiu a desconfiança do meio “literato” por conta da carga televisiva de sua obra, mas não renega o rótulo de literatura pop. “Até porque tenho aí mais de vinte anos como escritora, não sou uma moda passageira. Só que desde pequena tive de fazer outros trabalhos para poder fazer literatura, não viver de literatura.” ➔

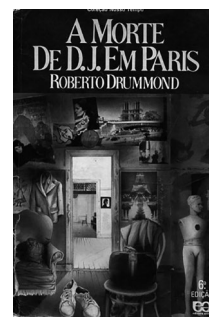


CAPA

Mesmo um dos autores mais respeitados e premiados surgidos na geração dos 2000, Daniel Galera, no começo de carreira sentiu na pele preconceito por incorporar elementos da cultura pop em sua obra, como os videogames. Ainda assim, ele não se

considera restrito ao rótulo: “Entendo literatura pop como aquela na qual as referências à cultura pop são parte essencial do estilo e da narrativa, como o uso de canções pop como indício dos sentimentos dos personagens e condução da história. Outra coisa é a referên-

DIVULGAÇÃO



POPSTAR

Apesar do preconceito dos literatos, a ebulição dessa nova geração no começo dos anos 2000 alimentou e foi alimentada por todo um novo cenário, com o surgimento de sites de literatura (*Paralelos*, *Portal Literar*, *Cronópios*) e os festivais literários, como a FLIP (inaugurada em 2003) e todos os outros acrônimos. Nesse contexto, exercitava-se a figura do escritor como uma espécie de “popstar”, muito para horror dos acadêmicos e a velha guarda em geral.

As editoras embarcaram. No Rio, a 7Letras garimpou bem a nova produção, lançando autores excelentes com sua Coleção Rocinante. Muitos viriam a se consolidar no cenário literário, alguns arcando com parte dos custos dessas publicações de estreia. Veronica Stigger, Julián Fuks, Carolina Saavedra, Ana Paula Maia foram alguns nomes da coleção. Isso se seguiu em editoras maiores. Na Planeta, que chegava ao Brasil em 2003, o editor Paulo Roberto Pires começou um catálogo de literatura brasileira com novíssimos, como João Paulo Cuenca, Joca Terron, a própria Clara e eu (ambos tivemos nossos segundos romances lançados pelo grupo espanhol em 2004). A Rocco criou um selo específico, o “Safrá XXI” (cuja logo trazia um bebê de moicano punk), exatamente para englobar essa literatura (nacional e estrangeira) “urbana, contemporâ-

Roteirista de TV, Fernanda Young incorpora em sua prosa a cultura pop que a formou como escritora.



nea, que não se encaixava nos padrões tradicionais”, lembra Amanda Orlando, à época editora do selo na Rocco (hoje trabalha na Globolivros). “Eram livros com referências que remetiam muito à TV, à internet”, diz ela.

Porém a euforia com essa nova geração foi morrendo no final da década. As editoras percebiam que esses novos autores não vendiam tanto assim — consumia-se mais a imagem do escritor do que sua obra. Na crise do jornalismo, os cadernos literários também foram sendo extintos. E com a internet se tornando multimídia foram surgindo outras ondas — primeiro de novas bandas, depois de “video-makers” (os já citados youtubers).

Hoje, me parece que os elementos da cultura pop já estão incorporados na literatura brasileira. Afinal, os autores que cresceram mergulhados na cultura dos anos 1980 e 1990 já estão com 40, 50 anos, já são “tiozões”, como eu. O “escritor tatuado” não soa mais como oximoro, porque toda uma geração foi tatuada. Entretanto, a separação entre literatura popular e “alta literatura” permanece, principalmente na literatura de gênero — fantasia, terror, *chic-lit* —, que se encaixa no guarda-chuva maior de literatura pop e enfrenta suas resistências.

Sucesso entre adolescentes e jovens adultos, a carioca Tammy Luciano faz uma literatura açucarada, com títulos como *Sonhei que amava você* e *Diário do amor desenfreado*. Tammy aceita o rótulo de autora pop, mas rechaça a divisão entre literatura acessível e “alta literatura”: “Eu acabo trazendo referências pop ao meu trabalho, falando de filmes, músicas e acho que o que me enquadra no pop é minha fala so-

bre o mundo atual. Carrego muito da vida urbana no que escrevo, mas não me preocupo com esse rótulo. Penso que quanto mais a gente classifica a literatura, mais difícil é atingir a massa. Eu sempre penso na enorme quantidade de gente que não tem o livro em sua rotina. O Brasil não valoriza seus escritores, apoia pontualmente em Bienais, eventos, mas na vida cotidiana não somos lembrados. Luto por isso, para que mais pessoas lembrem da gente, para o livro ser um objeto de desejo regular. Não fico pensando se sou alta ou baixa literatura. Isso é um pensamento pequeno.”

GÊNEROS

Outro autor da nova geração que flerta com o pop é o gaúcho Antônio Xerxenesky, um dos eleitos pela revista britânica *Granta* entre “os melhores jovens escritores brasileiros”. Seus romances trazem elementos de faroeste, de terror e apocalipse zumbi. “Minha escrita encontra-se num limiar. Assimilo características típicas da literatura de gênero, mas acabo subvertendo convenções e experimentando com a linguagem. Como resultado, às vezes pessoas que amam literatura de gênero se frustram com os meus livros. Costumo dizer que escrevo falso terror, falso policial, falso western. Como leitor, minhas principais influências são do alto modernismo europeu, mas sou uma pessoa que cresceu (e ainda convive) com videogames e filmes de gênero. A minha escrita reflete esses gostos diversificados.”

Assim como Tammy, Xerxenesky contesta a separação entre níveis de literatura. “É possível fazer alta literatura com elemen-

tos pop e há provas abundantes disso. O vencedor do Nobel Kazuo Ishiguro publicou uma ficção científica (*Não me abandone jamais*) e um livro de fantasia (*O gigante enterrado*). Mas, para além disso, acho que as fronteiras entre ‘alta’ e ‘baixa’ literatura se dissolveram e precisam ser repensadas.”

Na literatura policial, Raphael Montes é um autor surgido nesta década, que conseguiu enorme destaque entre leitores, aliando uma prosa afiada a uma ótima comunicação com os leitores e grande investimento de sua editora, a Companhia das Letras. Ele questiona a intersecção entre literatura de gênero e literatura pop:.

“A meu ver, são ideias bem distintas. A ‘literatura de gênero’ é aquela criada a partir de certos preceitos básicos que constituem o gênero (um crime e uma investigação, na literatura policial; algo de sobrenatural e assustador na literatura de terror; um par romântico nos livros *chick-lit*). Não sei qual a definição exata de ‘literatura pop’, mas me parece ser aquela que dialoga com seu tempo, dando voz a personagens ‘reais’, que vivem no mundo de hoje e, por isso, assistem a filmes de diretores contemporâneos, escutam álbuns recentes, se relacionam e se comunicam da maneira como fazemos hoje, através de redes sociais e celulares.”

Ainda assim, Montes se vê identifica com a literatura pop. “Em geral, minhas histórias se passam nos dias de hoje, no Rio de Janeiro, com personagens jovens e adultos. Por isso, quando escrevo, busco mimetizar essa realidade: o que esses personagens escutam? Do que eles gostam? O que eles fazem quando chegam em casa depois de um dia de trabalho? Não é ‘para ser pop’ que escrevo que o personagem se joga no sofá e liga a Netflix. Simplesmente, é assim que acontece hoje em dia. Não me preocupo de ficar datado. Penso que é interessante que um livro seja um registro daquele tempo em que se passa a história.”

Como para estabelecer a literatura pop de vez no cenário literário, este ano a Editora Seguinte (selo mais comercial da Companhia das Letras) criou na cidade de São Paulo a FLIPOP, um “festival de literatura pop focado nos leitores”, com palestras sobre literatura de humor, LGBT, dicas de escrita, etc. A curadoria do festival parece ter tomado o termo “pop” ainda como sinônimo de “literatura jovem” o que, se limita o alcance, dá uma sobrevida a um rótulo que já pertence ao século passado. ■

ROMANCE | LEWIS CARROLL

ERA UM FLIZZ

TRADUÇÃO
DE SÉRGIO MEDEIROS

Na extremidade da plataforma, alguns degraus irregulares de madeira conduziam à rua — deparei ali com duas passageiras que evidentemente haviam chegado pelo trem vespertino, o que era extraordinário, pois eu não as notara entre as poucas pessoas que desceram dos vagões. Tratava-se de uma moça e de uma menina: a primeira, tal como pude deduzir de sua aparência, era uma espécie de babá ou de governanta, que conduzia a criança, cuja face delicada, mais ainda do que a roupa que usava, a colocava numa classe superior à da sua companheira.

Embora delicada, a face da criança também era macilenta e triste, revelando (pelo menos assim me pareceu) uma longa história de doença e sofrimento, suportados com paciência e doçura. Para caminhar ela se apoiava numa pequena muleta, mas se deteve diante dos degraus e os olhou pensativamente, como se reunisse coragem para iniciar a penosa ascensão.

Às vezes, *dizemos* coisas — ou até as *realizamos* — de maneira automática, por “ato reflexo”, segundo a

linguagem dos fisiologistas (eles querem dizer, sem dúvida, “ação sem reflexão”, tal como se afirma que *lucus* deriva de *non lucendo*^[1]). Ao fecharmos subitamente as pálpebras quando temos a impressão de que algo voa na direção dos nossos olhos, realizamos uma ação desse tipo. E o mesmo sucedeu quando eu perguntei: “Permita-me carregar nos braços a menina até a calçada?” Pois, *antes* de pronunciar tais palavras, a ideia de oferecer ajuda ainda não havia me ocorrido: o som da minha própria voz, e a descoberta de

ILUSTRAÇÕES: SIMON TAYLOR



que tal proposição havia sido feita, é que me proporcionaram a intuição de que eu deveria prestar o meu auxílio. A babá hesitou, olhando alternadamente para nós dois; depois, voltando-se para a menina, indagou: “Você gostaria, querida?” A menina prontamente ergueu os braços na minha direção. “Sim!”, foi tudo o que ela disse, ao mesmo tempo que um sorriso débil iluminou sua face exausta. Tomei cuidadosamente nos braços a criança, que enlaçou confiante o meu pescoço.

Ela era *extremamente* leve. Para dizer a verdade, tão leve que me ocorreu a ideia insensata de que era mais fácil subir as escadas com ela nos braços do que de mãos vazias. Quando pisamos finalmente a rua — os sulcos de rodas e as pedras eram obstáculos sem dúvida formidáveis para uma criança manca —, dei-me conta de que havia afirmado: “Não gostaria de descê-la nesse terreno acidentado”, palavras que me saíram antes que eu fizesse qualquer conexão *mental* entre o solo ingrato e a minha gentil e diminuta carga. “Estamos lhe dando muito trabalho, Senhor!”, exclamou a babá. “Ela pode andar muito bem neste terreno plano.” Contudo, o braço que me enlaçava o pescoço estremeceu levemente a essa sugestão, levando-me a comentar: “Na verdade ela não pesa nada. Carregarei a menina um pouco mais. É o meu caminho”.

A governanta não fez nenhuma objeção. A próxima voz que ouvi foi a de um menininho descalço e de roupa esfarrapada, com uma vassoura no ombro. Ele correu à nossa frente e simulou varrer o chão seco. “Uns tocadinhos!”, o pequeno moleque suplicou, com um largo sorriso no rosto sujo.

ROMANCE | LEWIS CARROLL



“Não lhe dê nada!”, disse a pequena lady nos meus braços. As *palavras* soaram duras, mas o tom era gentil. “É um garotinho *preguiçoso*!” E o seu riso então encheu o ar, um riso de uma doçura argentina como eu jamais ouvira em outros lábios, exceto nos de Sílvia. Para o meu assombro, o garotinho *também* gargalhou, como se ambos possuíssem entre si alguma afinidade sutil. A seguir, o moleque esfarrapado se afastou correndo e desapareceu numa passagem da cerca viva.

Mas retornou logo depois, sem a vassoura e carregando agora um primoroso buquê de flores, oriundo de um fornecedor misterioso. “Flor quase de graça, só um *penny*!”, ele anunciou com a fala arrastada e melancólica de um mendigo profissional.

“Não compre!”, ordenou-me Sua Majestade, enquanto o olhava com um arrogante ar de desprezo, curiosamente matizado por um interesse ter-no pela esfarrapada criatura a seus pés.

Desta vez, rebelei-me e ignorei a ordem real. Aquelas flores, tão fascinantes e inusitadas, não mereciam ser abandonadas para satisfazer aos caprichos despóticos de uma pequena donzela. Comprei o buquê: o garotinho colocou a moeda na boca e deu uma cambalhota, como se desejasse verificar até que ponto esse órgão humano estava apto para ser usado como cofre.

Com deslumbramento, que crescia a cada momento, eu admirei as flores, examinando-as uma a uma: não havia entre elas uma só que me fosse familiar. Por fim, voltei-me para a babá. “Estas flores são nativas daqui? Nunca vi nada...”, mas a frase morreu nos meus lábios. A moça havia desaparecido!

“Pode descer-me *agora*, se quiser”, Sílvia observou tranquilamente.

Obedeci em silêncio, mas disse comigo mesmo: “Isso é um *sonho*?”, pois, nesse momento, Sílvia e Bruno caminhavam ao meu lado e seguravam as minhas mãos com a confiança própria das crianças.

“Vocês cresceram bastante ultimamente!”, eu comentei. “Na verdade, penso que deveria ser apresentado de novo a vocês. Uma grande parte dos dois eu nunca encontrei antes, não é verdade?”

“Muito bem!”, exclamou Sílvia alegremente. “Este é o *Bruno*. E é só, pois ele não tem outro nome!”

“É *claro* que tenho!”, Bruno protestou, olhando com reprovação para a Mestre de Cerimônias. “Eu sou *Ilustríssimo*!”

“Oh, sim, esqueci”, respondeu Sílvia. “*Ilustríssimo* Bruno!”

“E vocês vieram *me* ver, crianças?”, indaguei então.

“Você sabe que a gente *disse* que ia vir na terça-feira”, lembrou Sílvia. “Na sua opinião, o nosso tamanho é agora o tamanho das *crianças* normais?”

“Oh, sim, um tamanho bem apropriado para crianças da idade de vocês”, eu respondi, acrescentando mentalmente: “Embora vocês não sejam *crianças normais*, de maneira nenhuma.” Depois perguntei: “Mas que fim levou a governanta?”

“Se *foi*!”, Bruno respondeu solenemente.

“Então ela não era sólida, como Sílvia e eu?”

“Não. Cê não era capaz de *tocar* nela, e cê ia passar *direto*, se esbarrasse nela!”

“Temi que você acabasse percebendo”, disse Sílvia. “Sem querer Bruno a empurrou contra um poste telegráfico e ela se partiu em dois pedaços, sabe. Mas você estava olhando para o outro lado.”

Senti que havia perdido a oportunidade de ver um espetáculo que não

ocorre duas vezes na vida: uma babá dividida ao meio!

“A que horas cê sentiu que ela era Sílvia?”, Bruno quis saber.

“Eu só percebi que ele era sua irmã quando ela realmente se tornou a Sílvia”, eu respondi. “Mas como vocês conseguiram obter a governanta?”

“Foi obra do *Bruno*”, esclareceu Sílvia. “Era um Flizz.”

“E como é que faz um Flizz, Bruno?”

“Aprendi com o Professor”, disse Bruno. “Primeiro, cê pega um monte de ar...”

“Oh, *Bruno*!”, Sílvia interpôs-se. “O Professor pediu que você nunca contasse para ninguém!”

“Mas quem fazia a voz dela?”, eu perguntei.

“Já lhe demos muito trabalho, Senhor. Ela pode andar muito bem neste terreno plano.”

Bruno riu alegremente quando olhei rapidamente em volta, procurando com ansiedade a minha interlocutora. “Era *eu*!”, ele então declarou com a sua voz normal.

“De fato, ela pode andar muito bem neste terreno plano”, eu disse. “E eu penso que o terreno plano sou eu mesmo!”

Nesse momento, havíamos chegado ao “Hall”. “Aqui moram os meus amigos”, eu disse. “Não gostariam de entrar e tomar chá com eles?”

Bruno deu um pequeno pulo de alegria. Sílvia então disse: “Sim, obrigada. Você adoraria, não é, Bruno? Ele nunca mais bebeu *chá*”, ela explicou, “depois que saímos do País do Exterior.”

“E o chá de lá não era nada *bom*”, disse Bruno.

“Bem *fraquinho*!” ■

LEWIS CARROLL foi o pseudônimo literário de Charles Lutwidge Dodgson (1832-1989), um desenhista, fotógrafo, matemático, poeta e reverendo anglicano britânico. Passou toda a sua vida no Reino Unido e tornou-se célebre, principalmente, por ter escrito *As aventuras de Alice no país das maravilhas*, entre outros livros. O romance *Sílvia e Bruno*, que o **Cândido** publica um fragmento, está programado para sair em 2019 pela Iluminuras, em tradução de Sérgio Medeiros.

SÉRGIO MEDEIROS nasceu em Bela Vista (MS) e vive em Florianópolis (SC). Professor na Universidade Federal de Santa Catarina, traduziu ao português, entre outros, o poema maia *Popol Vuh* (2007), em colaboração com Gordon Brotherston. É autor, entre outros, do livro de poemas *A idolatria poética ou a febre de imagens* (2017), vencedor do Prêmio da Fundação Biblioteca Nacional.

CONTO | CARLOS MACHADO

AS CORES DO ARCO.

PARA MARIA LUIZA CARBONIERI MACHADO

Pois assim, os olhos viravam-se de baixo para cima, brancos, sem o castanho cortado ao meio por um risco preto. A cabeça baixa, como olhasse para os pés tentando ver o teto. Abaixava-se cadenciadamente para não atingir a placa próxima à porta. De supetão, levanta o braço direito e atinge em cheio uma lâmpada acessa deixando os cacos espalhados pelos cabelos e ombros. Não se muda o colchão de lugar assim de uma hora para a outra, sem avisar, apenas porque tinha que

limpar o carpete do quarto. Alguns centímetros fora da marca que faz os pés, e pronto, os dedos em ris-te para a parede, olhando fixamente para uma pequena rachadura ao lado da janela. Diretamente no olho da lagartixa parada ali ao lado, esperando para dar o bote em uma pequena aranha marrom que se alimenta

de poeira. Alguém disse que elas podem acabar com a vida de qualquer um, por isso Pedro está sempre na espreita para esmagá-las sem pestanejar — com a ponta da unha, como fosse um piolho. Da mesma forma, buscou os olhos da mulher que virou sua cama de ponta-cabeça, riscando com o vento um pedaço da córnea.

-ÍRIS

Nessa noite sem sono: virava-se para todos os lados, como uma borboleta que voa em ziguezague prestes a cair da cama, arrastando o lençol com o qual se embrulhava, tal um bebê recém-nascido. Sua mãe ao lado, segurando suas mãos para acalmá-lo, ajustando a cama exatamente onde deveria estar e mostrando para ele

que já era como sempre foi. E continuará, Pedro. Em alguns momentos, pedir calma para alguém é como abrir uma porta estreita e exigir que várias pessoas passem ao mesmo tempo: uma batendo na outra, aglutinando-se, virando-se, tornando o efeito contrário do que se espera. Dessa forma, apenas pequenos mo-

vimentos na mesma direção, em intervalos de pequenos pulsos, do contrário seria pior.

Quando ainda um pacotinho, a mãe fingia que não percebia que o filho dificilmente fixava os olhos nos dela. Procurava sempre por algo que não existia: talvez uma mosca que passou por ali sem ser percebida, ou uma goteira na pia do vizinho de cima. Sempre pensava que tinha que interfonar para eles verificarem se não tinha uma torneira aberta ou, quem sabe, o vaso sanitário sem ➡

a vedação necessária. Será que é uma mancha de mofo que tem logo ao lado do chuveiro? E o filho virava a cabeça com o mesmo movimento evitando que ela colocasse o capuz da blusinha. Fazia frio em Curitiba nessa época do ano, mas ele não queria. O brinquedinho que ganhou de sua tia pendurado no teto ia e vinha, um aviãozinho ligado na tomada e que fazia um barulho engraçado. O menino procurava por todos os lados, mas não sabia de onde vinha o vento. A papinha ficava espalhada pelo rosto e babador, um pouco ele comia. Para ela, o filho sorria o tempo todo e era brincadeira que não queria comer. Alguém provavelmente ligou a música no último volume, talvez no prédio da frente, ou de trás. O filho não conseguia dormir facilmente. O médico dizia que era normal, muito sensível: dê esse remedinho, aqui ó, vai deixá-lo mais relaxado. Mas ela dava descarga. Três ou quatro vezes. Talvez se chorasse? Mas dessa forma, não estaria apenas tirando os braços do volante na eminência de um acidente? Assim como colocar as mãos no rosto quando precisa atravessar uma ponte móvel, sem segurança e nem cordinha para se apoiar.

Tão logo quebrou o foco de luz que o incomodava, Pedro continuou apenas com o branco dos olhos à mostra, balançando a cabeça sempre na mesma direção, sem olhar para frente. Passou por algumas pessoas sem vê-las e parou do lado contrário onde elas estavam. Suas costas ainda mais arcadas do que normalmente, os braços e as pernas desproporcionais ao resto do corpo, como tivesse se alongado apenas nas extremidades — como todos os adolescentes —, os cabelos cortados em casa, com calma para não se machucar, as unhas sujas de suor. Pedro já estava com sua sunga, pronto para entrar na água, porém esqueceu-se. Com um movimento sincronizado, abre as portas de cada um dos 40 armários do vestiário. Apertando os dentes, calcula o mesmo espaço entre eles, percorre de ponta a ponta certificando-se de que estão na mesma posição, pisca um dos olhos medindo a distância e se afasta para pegar uma certa velocidade. Ao lado, alguns homens enrolados em suas toalhas, acompanham-no com bastante interesse. Ou talvez estejam assustados, não se sabe ao certo. Difícil prever o que acontece de um momento para o outro. Como na re-bentação do mar que, segundos antes de explodir entre as ondas batendo na areia, abraça o silêncio. Ninguém se move, nada acontece. No jogo de vôlei, o levantador coloca a bola, leve, sutil, entre a rede e a mão do atacan-

te, exatamente quando ela nem sobe e nem desce, plaina e para no ar: 4'33''.

Aprenderam que quando estivessem jantando, teriam que desligar a televisão. Nada de música, fala-se o essencial. Assim, o menino come. Até soar o alarme de um carro na esquina da rua de trás — ou da frente —, entre um som agudo e o silêncio, 2 segundos entre eles, Pedro espreme as palavras ouvindo a nota “Lá”, 440 hertz, como se alguém estivesse no seu ouvido apertando o botão da caneta sem parar ou batendo o pé insistentemente no assoalho de madeira. A mãe o entretém lendo uma historinha ilustrada, segurando em suas mãos, delicadamente: o menino busca seus olhos. Quando caíam as lágrimas, ele pegava o paninho que estava sempre por perto e passava no rosto da mulher, que imagina todos os sorrisos do mundo, gargalhadas e conversas com o filho: falam sobre o que fizeram ao longo do dia, o que leram, sobre as pessoas que encontraram, ele pede para que ela pare de chorar um pouquinho, mamãe, por favor, ela sorri e diz que isso já vai passar e ele retribui o sorriso e fala que a ama e que nada seria sem ela por perto e ela o abraça, e os dois permanecem conversando em silêncio.

O ângulo que a sombra da porta do armário desenha revela uma imagem múltipla que se reflete no chão ao lado de seu pé. Calcula a incidência e a necessidade de luz para que as portas sejam vistas todas da mesma forma. Um conjunto de retângulos em 3D que seguem o mesmo ritmo de movimento. Pedro faz todos os cálculos que pode, até perceber que já tem o padrão de que precisa. Dessa forma, ao fechar os olhos, tudo se organiza em sua memória.

Entre um bater de cabeça e outro, apenas o ar que é inspirado com bastante dificuldade. Assim não incomoda ninguém? Alguns irritam-se apenas com a presença de outros. Estar ali ao seu lado, sem ter que abrir a boca para nada, sem levantar o rosto para encará-lo, sem procurar seus olhos: nada. Apenas sentindo o calor de um corpo que não se inquieta, que mexe de um lado para o outro, falando sons sem conexão com o que está acontecendo ao lado. São momentos diferentes: as realidades existem apenas em nossos juízos e são variáveis, nunca absolutas, indefiníveis. Sempre uma questão de percepção. Como assim fora do lugar? A cama continua no mesmíssimo lugar de sempre, explica a mulher. Desculpe, não quis dizer que você está modificando algo, apenas te mostro que não é no mesmo lugar, mas quem pode adivinhar, não é mesmo? Responde a mãe. Apenas ela, a mãe, uma única pessoa que pode passear pela realidade do filho. Como esse senhor parado atrás de nós pode entender? Pensava a mãe. Assim, o ir e vir do corpo de Pedro sentado na fileira “L” do Teatro Guaíra impede o espectador da fileira anterior de ver os atores, de acompanhar a ação. Impede? Entre um vão e outro, não consegue perceber nada? Entre o silêncio e o som, senhor, por favor, não entende que a pausa também é música? 4'33''. Explica a mãe, sempre com o repertório repetido, como fosse parte do que deixou para o filho. Por que ele faz barulho tão alto quando respira, pai? O que ele está fazendo encostado na parede desse jeito, tio? Eu acho que o Pedro está se masturbando aqui atrás de mim,

dizia a menina. Não seja boba, ele está fazendo cálculos, não percebe?

A professora chamou a mãe para uma reunião: todos os cálculos antes que eu explicasse, senhora, do começo ao fim e de várias formas possíveis, nem eu sabia o caminho que ele estava escolhendo, me mostrou vários números e concluiu todos os problemas do livro em questão de poucas horas. A senhora também é professora de matemática? Agora ele me ajuda em todas as aulas. Todas as crianças querem aprender com ele.

Depois de colocar todas as portas exatamente no ângulo em que deveriam estar, Pedro puxou o ar para dentro, prendeu a respiração, inverteu a cor dos olhos, apertou o braço esquerdo com as unhas da mão direita, trocou o lado, arranhou o começo das costas e o final do pescoço, gritou. Tinham medo? Estavam assustados? Curiosos? Não se sabe, mas alguém disse que era preciso chamar a moça da recepção. Outro afirmou que sua mãe sempre o trazia, ou o pai. Teríamos que chamar alguém. Você pode falar para o professor? Acho que ele tem aulas com a Joana. Ou com o Maurício, não sei. Gente, é o Pedro, eu nado com ele. Pedro, o que aconteceu? Rapidamente não estava mais aqui quem falou. As toalhas já guardadas, as bolsas fechadas e alguém teria que cuidar do Pedro, não pode ficar sozinho aqui. Todas as portas batidas, uma por uma em cadência difícil de se repetir. A mesma força exercida em cada empurrão. Não se atreva. Ele vai acertar sua cara. Não, meu amigo, o Pedro não vai acertar sua cara, nem a minha, mas alguém precisa segurá-lo para ele não acertar a própria cara. A vontade era de arrancar os cabelos de uma vez por todas, só com a força da unha. Rasgando.

E seguia fazendo os cálculos que deveriam ficar prontos para que quando as portas batessem nos armários, pudessem voltar de onde tinham saído. E caso não estivessem no mesmo ponto de antes, colocá-las ordenadamente. Desorganizar o planejado. Todos as toalhas de papel, uma por uma, ritmicamente, no chão, colocadas na parede, no teto, em seu rosto. Correndo de lá para cá, parado de frente ao espelho. Alguém realmente precisa chamar sua mãe. Já chamou a moça da recepção? Ele vem sempre com uma senhora, deve estar lá fora. Em um impulso instantâneo, Pedro cambaleou em direção aos chuveiros: abriu todas as torneiras — água quente, água fria — batendo com as mãos abertas nas portas de vidro, imitando o alarme dos caminhões de bombeiro.

Acho que ele tinha um cisco no olho. Saiu correndo pela quadra sem olhar para trás, esbarrou em algumas pessoas que estavam no meio do caminho e correu para o bebedouro gritando a nota “Lá”: jogava água em seu rosto, como quisesse apagar um incêndio fora de controle.

A mãe pediu licença para entrar no vestiário e o encontrou prestes a quebrar uma das portas de vidro. Sem olhar para ela, ele a percebeu indo em direção aos chuveiros para desligá-los e resolver sentar-se no banco logo atrás. Colocou os braços e a cabeça entre as pernas indo e vindo com o corpo, repetindo esse movimento como estivesse em uma cadeira de balanço. Esfregava nervosamente as mãos uma na outra, assim como se faz para acender uma fogueira no inverno. Acariciando as mãos de Pedro, chega-se aos seus olhos, assim faz sua mãe, calmamente.

E olha como ele entra no giná-

sio de natação, tímido, com seu roupão do Homem Aranha, procurando a raia adequada junto aos outros competidores, todos mais ou menos da mesma idade, com os mesmos braços desproporcionais, pernas longas e ombros largos dos treinamentos. Antes de subir no trampolim da raia 4, Pedro ajusta a toca de silicone com as duas mãos, cuidando para não estalar e nem apertar as orelhas, e a veste em sua cabeça, dá dois tapas de leve na nuca para não se esquecer de que está vivo e coloca os óculos no rosto. Com o canto dos olhos, busca seus adversários nas raias paralelas e mostra confiança. Ao menos assim o vê sua mãe: seus olhos brilham quando percebe o filho prestes a pular e sair voando em busca de mais uma medalha. Uma prova rápida, 50 metros, sem tempo para piscar, apenas seguir adiante, olhar para o azulejo, fechar os olhos, puxar o ar no fundo do pulmão, sabendo que não poderá respirar durante a prova, e buscar a borda do outro lado, 50 metros apenas. Logo ali, Pedro, encosta os dedos aqui na borda, segura para não cair e espere eu contar até 5, está bem? Diz a professora Joana, assim que Pedro pula na piscina. Ela pega alguns itens em uma caixa cheia de brinquedos aquáticos: um patinho de borracha, uma estrela-marinha, duas bolas e um anel bem pequeninho. Agora eu vou jogar 5 objetos em algum lugar da piscina, você tem que encontrá-los e me entregar de volta. Sorri a professora para o feliz Pedro, que concorda batendo uma das mãos na água, fazendo uma bagunça que ele adora sempre que está na aula de natação. Sua mãe viu quando ele encostou os dedos na borda do outro lado da piscina: foi o primeiro! Chegou na frente de todos os outros! Grita ela, sem perceber que estava atrapalhando a aula de hidroginástica ao lado de onde estava o filho, bem no momento em que a professora arremessa para o alto os 5 objetos que caem espalhados por toda a raia e, lentamente, deslizam pela água e pela luz refletindo as cores do arco-íris, como em um prisma, que chegam até a superfície da água.

Pois assim, mergulha Pedro para buscar o que está parado no fundo da piscina. ■

CARLOS MACHADO nasceu em Curitiba, em 1977. É escritor, músico e professor de literatura e línguas estrangeiras. Publicou os livros *A voz do outro* (contos 2004), *Nós da província: diálogo com o carbono* (contos, 2007), *Balada de uma retina sul-americana* (novela, 2008) e *Passeios* (contos, 2016). O conto publicado pelo **Cândido** faz parte do livro inédito *Flor de Alumínio*.

REPORTAGEM | ITIBAN

SANTUÁRIO DAS HQs

FOTOS: KRAW PENAS



Atualmente localizada na Avenida Silva Jardim, a Itiban se notabilizou pelos lançamentos e bate-papos com autores realizados no espaço

Com quase 30 anos de existência, a curitibana Itiban Comic Shop é uma das principais lojas especializadas em Histórias em Quadrinhos do país. Apesar da tradição e da valorização do gênero no mercado editorial, a espaço luta para se manter vivo em meio à crise das plataformas impressas e da concorrência com grandes sites de venda

DANIEL TOZZI

A capital paranaense abriga, desde 1989, uma das primeiras lojas especializadas em HQs do Brasil. Ao longo das décadas, a Itiban Comic Shop tornou-se um lugar incontornável para consumidores de quadrinhos na cidade — além de parada obrigatória de artistas locais ou que estão de passagem por Curitiba.

Mas em 2019, a icônica loja, que nos anos 1990 conquistou o “Troféu HQmix” (espécie de “Oscar” do universo HQ no Brasil) na categoria de melhor ponto de vendas, pode encerrar as atividades. De acordo com a proprietária, Mitie Taketani, o acervo, assim como o público da Itiban, diminuiu



Mitie e Thamyris Taketani: paixão pelos quadrinhos passou de mãe para filha

consideravelmente. Para ela, a crise econômica e a do mercado editorial no país, instaurada a partir de 2013, além da entrada de grupos como a Amazon no mercado, contribuíram para a diminuição do público no espaço.

“Não sabemos se vamos chegar aos 30 anos em 2019. A ideia é tentar resistir, mas como resistência mesmo, porque, se colocar no papel, não temos mais como so-

breviver”, diz Mitie. Segundo ela, as vendas da Itiban hoje representam cerca de 40% do que se comercializava há seis anos.

CORAÇÃO PULSANTE

Frequentador assíduo da loja quando adolescente, DW Ribatski, hoje ilustrador e quadrinista, não hesita ao afirmar que a Itiban, além de fundamental para sua formação, é,

ainda hoje, a melhor loja de quadrinhos do Brasil. “Eu costumava desenhando umas 15 cópias de uma HQ e levar na Itiban, que era o único lugar para vender para pessoas que não fossem nossos amigos”, conta.

Para ele, o aspecto mais valioso do espaço é a concentração de pessoas que se interessam pela contracultura de Curitiba, ou que são de fora e passam por lá. “A Itiban sempre esteve

do lado dos artistas”, comenta Ribatski, autor, entre outras, das HQs *Cam-po em branco* (2013) e *Como na quinta série* (2012).

Assim como Ribatski, o artista José Aguiar é uma das “crias” da Itiban. Ele praticamente foi iniciado no universo HQ através do acervo da loja. De acordo com Aguiar, os eventos organizados no local, como lançamentos, debates e palestras fizeram ➡

REPORTAGEM | ITIBAN

REPRODUÇÃO



Os artistas Daniel Barbosa, Rafael Sica e Guilherme Caldas em debate promovido pela Itiban

do espaço um dos “corações pulsantes” de Curitiba quando o assunto é Histórias em Quadrinhos.

“Minha relação com a loja é bastante afetiva e começou na adolescência. Era o único lugar onde se podia encontrar HQs importadas na cidade”, lembra Aguiar, que é organizador de uma obra inédita que refaz o percurso de artistas gráficos em Curitiba e será lançada ainda em 2018 pela Biblioteca Pública do Paraná.

CRISE

A situação da Itiban contrasta com um período em que há presença cada vez maior das HQs no cenário literário e cultural do país. Em 2017, por exemplo, o prêmio Jabuti de literatura incluiu uma categoria específica para premiar Histórias em Quadrinhos lançadas no país.

Para além do mero entretenimento — os mangás e super-heróis, claro, continuam sendo sucesso —,

as HQs também ganharam novo *status* nos últimos anos, discutindo temas plurais, como guerras, racismo, escravidão, imigração e preconceito. “Acho esse o grande lance deste século: a possibilidade de você se encontrar em diversas histórias e criar pontes com outras culturas e outras problemáticas”, reflete Mitie.

Para ela, mesmo com uma produção, em tese, cada vez maior de HQs no Brasil, o grande problema hoje

é a desvalorização da cultura e do livro de uma forma geral — o que inclui aí o papel dos governos.

QUADRINHOS, UMA PAIXÃO

Os proprietários da Itiban, o casal Francisco Utrabo e Mitie Take-tani, se conheceram na cidade de São Paulo na década de 1980, período em que compartilhavam gostos semelhantes alinhados à cultura pop. Na época, Mitie era dançarina e Utrabo

FOTOS: KRAW PENAS



Fanzines, Quadrinhos nacionais e HQs importadas fazem parte do acervo da Itiban

seguia carreira na música como guitarrista da banda Máquina Zero, que tentava a sorte na capital paulista.

A abertura de um comércio especializado em quadrinhos (algo, à época, senão inexistente, bastante raro) foi a aventura escolhida pelo casal ao se mudar para a capital paranaense, cidade de origem da família de Utrabo.

Empreitada que Mitie faz questão de relativizar. “Não vejo grande coisa nesse sentimento de pionei-

rismo. A gente trabalhou com tanta naturalidade que nunca pensamos nessas bandeiras, como a de sermos pioneiros”, afirma.

Mas, de fato, a “aventura” teve, em seu início, ares intrépidos. “No começo não tínhamos nem telefone. Eu fazia os pedidos por fax e tinha que ir até a casa da minha sogra para usar o aparelho”, lembra Mitie, comentando que a cena HQ do final da década de 1980 no país contribuiu para o cres-

cimento da loja, ao se referir às produções de nomes como Laerte, Angeli, Glauco e Fernando Gonzales.

“Pegamos a fase áurea dos quadrinhos, um boom de produção nacional com essa geração do humor, onde existia muita liberdade, força criativa e independência”, explica a proprietária da loja, que também cita a revista *Animal*, bastante popular na época por publicar o trabalho de ilustradores europeus, como fundamen-

tal para a popularização das Histórias em Quadrinhos no país.

Além disso, havia uma crescente produção de fanzines no Brasil recém democrático da virada dos anos 1980 para os 1990, o que também impulsionou a popularização de espaços como a Itiban. “O cenário de fanzines estava muito forte, e essa ideia do ‘faça você mesmo’ era muito presente na época e sempre teve espaço com a gente”, relata Mitie. ■

CONTO | LUÍS ROBERTO AMABILE

PERSONAL TRAINER

Cena 1 – *Personal Trainer fala no escuro.*

Personal Trainer — A vida é um campeonato. O mundo está repleto de atletas em busca de alguma medalha, mesmo que seja de latão. Desde que dê para exibir para os outros, é o que importa. As pessoas estão sempre se preparando para triunfar no joguinho social. As pessoas contratam personal trainers, headcoachings, consultores de imagem, psicólogos, numerólogos. Tudo para ocupar um bom lugar nas relações de poder que movem a sociedade. No trabalho, no amor, no sexo, até nas amizades, na família. Não importa onde: há sempre alguém competindo, pronto para passar por cima dos outros. Mas, se a experiência humana na terra é uma competição insana, tem gente que perde. Tem também gente que não concorda com as regras, tem gente que não se encaixa e resolve viver à margem. E tem gente que não quer mais. A vida é um campeonato (*As luzes se acendem ao mesmo tempo em que toca seu celular*). E eu decidi preparar os que não querem mais competir. (*Ele atende ao celular*) Alô! Sim, sou eu. Depende do caso. Não, não cobro nada. Não sei, não posso dar uma resposta de imediato, como já disse, depende do caso. A decisão final já foi tomada? E por que, quais são os motivos? Sim, se vou assumir a sua preparação, preciso conhecer os seus motivos. Esse tipo de treinamento não é para todo mundo, você tem de estar muito determinado. Não, não pode ser por telefone,

vamos nos encontrar para que eu possa avaliar o seu caso. (*Ele desliga*).

...

Cena 2 – *Personal Trainer e Rapaz estão sentados em torno de uma mesa, um de frente para o outro.*

Personal Trainer — Vou perguntar mais uma vez: você está realmente certo disso?

Rapaz — Acho que sim.

Personal Trainer — Você acha?

Rapaz — Eu...eu tenho certeza, só preciso de uma ajuda.

Personal Trainer — Que tipo de ajuda? Porque tudo tem de partir de você. Eu não tomo decisões. Meu trabalho começa depois que as decisões são tomadas e não se pode mais voltar atrás.

Rapaz — Eu já me decidi, mas preciso que você me treine.

Personal Trainer — Você tem potencial, mas, quando há um desafio assim, deve-se estar muito focado. E se você não aguentar?

Rapaz — Isso já aconteceu?

Personal Trainer — Estou invicto. Nunca ninguém que se preparou comigo desistiu. E olha que, com essa crise financeira mundial, eu tenho sido bem solicitado.

Rapaz — Você não cobra nada mesmo? Porque não tenho dinheiro e não quero endividar minha família.

Personal Trainer — Quanto a isso, não se preocupe. O treinamento é grátis. Para mim, é quase um trabalho de caridade.

Rapaz — E em quanto tempo vou estar pronto para tentar?

Personal Trainer — Para tentar não, para conseguir. Repita: conseguir. Sem essa de tentar, você vai conseguir.

Rapaz — Conseguir. Quanto tempo para eu estar pronto para conseguir?

Personal Trainer — Varia de acordo com a pessoa. Desenvolvi uma série de exercícios específicos. Vamos treinar de tudo um pouco, como lidar com altura, os macetes para não se er-

rar o salto, mas, sobretudo, faremos uma preparação mental. Motivação é a chave de tudo.

Rapaz — Então você vai me aceitar?

Personal Trainer — Bom, acho que podemos fazer uma experiência. Comecei recentemente a preparar um rapaz, você pode participar dos treinamentos. *(Ele se levanta e estende a mão para o Rapaz)*

Rapaz — *(Apertando entusiasmamente a mão do Personal Trainer)* Muito obrigado. E quando começamos?

Personal Trainer — Agora mesmo. A primeira lição é você se convencer de que é capaz. De que só depende de você, da sua determinação, da sua garra, da sua força de vontade e principalmente da sua coragem. Porque no fundo você vai ter de enfrentar você mesmo, e para isso eu garanto que é preciso bastante coragem. Lembre-se: no último momento, você estará frente a frente com você, e vai ter de se superar.

...

Cena 3 — O Personal Trainer e o Rapaz estão em cima de um prédio (ou do Grand Canyon, ou de um precipício), olhando alguém que acabou de se jogar. O barulho do corpo caindo lembra o do faminto e famigerado Coyote que eternamente tenta capturar o Papa-Léguas naquele desenho animado. O Personal Trainer fica olhando o abismo, e o rapaz que sobrou vira o rosto, parecendo abismado...

Personal Trainer — Belo Salto! Ele não titubeou. O importante é isso: não titubear.

Rapaz — *(tenso)* É...ele mandou bem.

Personal Trainer — É só lembrar do que treinamos. E ter coragem.

Rapaz — Tá bom.

Personal Trainer — Canta comigo: *(eles cantam, e o Rapaz se prepara para saltar)* “Coragem, Coragem, eu posso conseguir!” Vamos lá! “Coragem! Coragem! Eu posso conseguir!”

Personal Trainer — Agora é a sua vez.

Rapaz — Ok.

Personal Trainer — Você pode. Fala pra mim que você pode.

Rapaz — Eu posso. “Coragem, Coragem, eu posso conseguir!”

Personal Trainer — Você vai conseguir.

Rapaz — *(mais confiante)* Eu vou conseguir. *(tomando distância)* Estou pronto.

Personal Trainer — *(como um treinador)* Lembre-se: você vem correndo, dá dois passos mais longos para tomar impulso e se joga.

Rapaz — Como salto triplo nas Olimpíadas.

Personal Trainer — Isso. O importante é não titubear. O grande dia chegou.

Rapaz — *(tenso)* Ok.

Personal Trainer — Busque aquele algo a mais dentro de você!

Rapaz — Estou pronto. *(O Rapaz tenta se jogar algumas vezes, mas trava no último momento. O Personal Trainer fica gritando: Garra! Força de vontade! Determinação! Você pode!)*

Rapaz — Não adianta. Não consigo.

Personal Trainer — Olha para mim. Nunca diga isso. Hoje é o grande dia, você deu duro para chegar até aqui, não vai querer jogar fora a oportunidade.

Rapaz — Então me empurra.

Personal Trainer — Não. Você

tem de fazer isso por você mesmo. Respire, recomponha-se. Treinamos isso. Respiração, postura, equilíbrio. Lembre-se do que conversamos durante a preparação. Temos um instinto de continuar vivendo. Isso é natural. Mas evoluímos. Podemos fazer a razão prevalecer sobre os instintos. Podemos escolher morrer. É só não titubear. Você chegou até aqui, não vai querer desistir agora!

Rapaz — *(parando antes de começar a correr)* Mas isso não é desistir também?

Personal Trainer — Não, isso é optar. Se você me ligou pedindo ajuda e se submeteu ao treinamento é porque acha que sua vida não vale a pena. Agora só depende de você acabar com ela. Acredite em você, você pode.

Rapaz — Se eu acreditasse em mim, não estaria aqui.

Personal Trainer — Uma coisa não tem nada a ver com a outra. Você não precisa acreditar é neste mundo podre. Mas você tem de acreditar que você é capaz de se livrar dele.

Rapaz — *(entusiasmando-se)* Bosta de mundo!

Personal Trainer — Assim é que se fala. Confio em você. Vamos lá.

Personal Trainer e Rapaz — *(cantando)* Coragem! Coragem! Eu posso conseguir! Coragem! Coragem! Coragem! Eu posso conseguir!

Personal Trainer — Agora vai! Você não aguenta mais viver!

Rapaz — Droga de vida!

Personal Trainer — Isso! Você não suporta mais! Corre e me diz! Vai!

Rapaz — *(corre e salta, gritando)* Eu odeio o mundo! *(O Personal Trainer fica olhando, e se ouve o barulho de um corpo batendo no chão lá embaixo, como o corpo do Coyote naquele desenho... Toca o celular do Personal Trainer. Ele atende)*

Personal Trainer — Alô! Sim, você está falando com ele. A decisão final já foi tomada? Tem certeza? Não, minha intenção não é lucro. Vamos nos encontrar e avalio o seu caso.

Blecaute. ■

LUÍS ROBERTO AMABILE é autor de *O amor é um lugar estranho* (2012, finalista do Prêmio Açorianos) e *O livro dos cachorros* (2015, vencedor da chamada de publicação do Instituto Estadual do Livro do Rio Grande do Sul). Também colaborou com Luiz Antonio de Assis Brasil em *Escrever ficção*, que a Companhia das Letras lança em 2019.

POEMA | THIAGO E

A TRAVESSIA DO FANTASMA

P/ MAÍRA

*Um fantasma atravessa minha casa
e toca a construção, seus danos físicos.
Olha o teto sem luz muito infiltrado,
são lâmpadas quebradas e goteiras.*

*Minha casa atravessa seu fantasma:
quer tanto compreender o que angustia.
Criou escuras manchas na tinta
buscando defender-se desse enigma.*

*Por pensar que paredes têm ouvidos,
e nunca dão palavras definidas,
somente loucos falam com paredes:
ninguém escuta a dor das rachaduras.*

*Da rua, um gato pula até a janela
podre, o peitoril cede, espanta o bicho.
Enquanto a casa tenta conhecer-se,
no chão mais um reboco se espatifa.*

THIAGO E nasceu em Teresina (PI), em 1986. É um dos editores da revista *Acrobata* e autor de *Cabeça de sol em cima do trem* (livro e disco de poesia, 2014).

